

REVISTA **BZZZ**



ANO 3 | Nº 26 | AGOSTO DE 2015 | R\$ 12,00

HIPPIE DRIVE-IN

Complexo que reuniu a juventude alternativa potiguar em uma época conservadora, com parque, zoológico, boate e amor dentro do carro

BELLA NAPOLI

A história do reduto boêmio que hoje divide espaço com a juventude das baladas

NATAL

A falta que a sombra das árvores faz nas calçadas

MOCÓ

**ARTISTA PLÁSTICO POTIGUAR QUE
CONQUISTOU EXIGENTES CRÍTICOS
AMERICANOS COM SUA PINTURA
SINGULAR E REFERÊNCIAS NORDESTINAS**

GIPSE MONTENEGRO

Ícone de beleza e elegância, marcou época em Natal com grandes festas e filantropia. Enfrentou com coragem a terrível doença que lhe tirou a vida aos 42 anos



**CONCLUSÃO
PREVISTA PARA
SETEMBRO DE 2016**

Residencial
PAVAROTTI
MAGNIFICO

**CONSTRUÇÃO
SOB REGIME
DE CONDOMÍNIO
A PREÇO DE CUSTO.**

**ADESÃO DE
100%**

DEPOIS DO SUCESSO
EM ADESÃO DO
RESIDENCIAL PAVAROTTI,
LANÇAMOS MAIS UM
EMPREENHIMENTO SUBLIME.

Residencial
Sinatra

VOCÊ VIVENDO EM ALTO PADRÃO COM VISTA PARA O MAR.

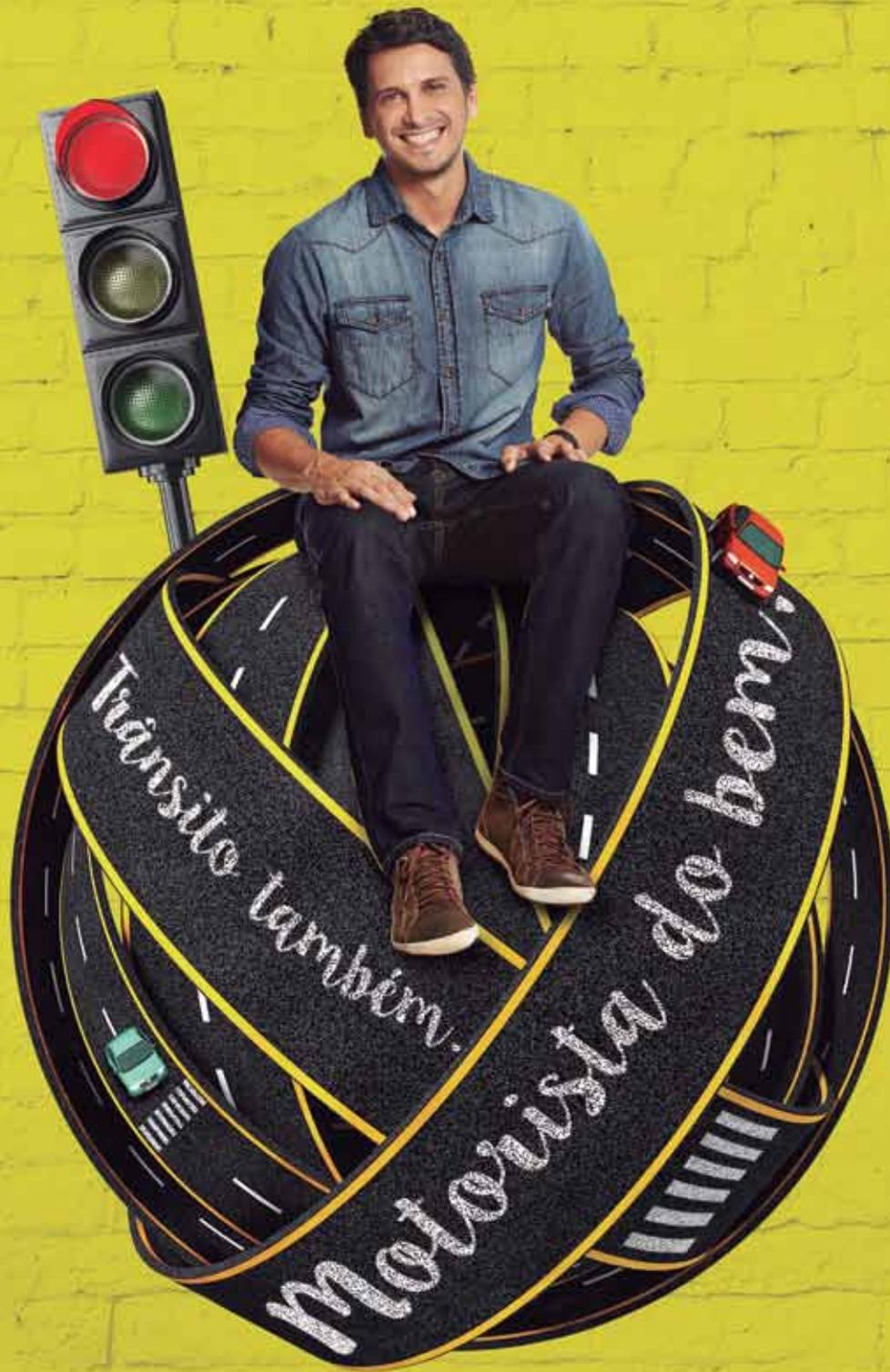
CONSTRUÇÃO
SOB REGIME
DE CONDOMÍNIO
A PREÇO DE CUSTO.

 WWW.RESIDENCIALSINATRA.COM.BR

 RESIDENCIALSINATRA

 INFORMAÇÕES: 84 3201.1879/99946.5300

Empreendimento a ser construído a preço de custo, em regime de condomínio - grupo fechado - pelas vantagens da localização da fazenda, devidamente individualizada como unidade autônoma, por instituição de condomínio edilício (Lei 10.406/02 - código civil), à margem do matrícula nº 38.588 do registro imobiliário da 11ª zona em Natal - RN, objeto do lote. Não é incorporação imobiliária. Projeto aprovado conforme alvará de licença nº 247/2014, expedido pelo 3º ofício de obras de Natal/RN em 18/07/2014. Para especificações técnicas e maiores detalhes consulte o contrato de compra e venda. Plantas como sugestão de decoração. Os móveis, equipamentos e decoração não fazem parte do contrato. As perspectivas, plantas e imagens são meramente ilustrativas.



Respeite a vida, obedeça às leis de trânsito, de cidadania e, principalmente,



GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE



DETRAN-RN

Dirija bem. Viva bem.
Faça um trânsito do bem.



DIRIGIR BEM É:

- obedecer aos limites de velocidade;
- não fechar o cruzamento;
- respeitar a faixa de pedestre;
- não usar o celular enquanto dirige;
- ter respeito, paciência, calma e prudência;
- respeitar e deixar livres as vagas de idosos e portadores de deficiência;
- não beber antes de dirigir;
- obedecer a todos os sinais e leis de trânsito;
- ter paz e harmonia, sem discussões no trânsito.



as regras de convivência com o outro. Faça o bem para todo mundo.



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

SITE DA REVISTA
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
portaldaaabelhinha.com.br

E-MAIL
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br
contatobzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORAS ASSISTENTES
ANDRÉA LUIZA TAVARES,
MARINA GADELHA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ADRIANA BRASIL, ANDRÉA LUIZA TAVARES,
JANAÍNA AMARAL, JULIANA HOLANDA,
JULIANA MANZANO, LARISSA SOARES,
LOUISE AGUIAR, MARINA GADELHA,
OCTÁVIO SANTIAGO, ROBERTO CAMPELLO,
THIAGO CAVALCANTI, WELLINGTON
FERNANDES

FOTO DA CAPA
ARQUIVO DA FAMÍLIA

FOTOS
ANDRÉA LUIZA TAVARES, JOÃO NETO, JAECI

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

NATAL:

CIDADE VANGUARDA

Uma das capas da Bzzz que mais atraíram a atenção do leitor nas bancas de revistas e jornais foi a que revela as curiosidades que fazem de Natal a capital mais atípica do Brasil, diante de tantos fatos inusitados. E Natal, apesar de certo retardo para o processo de desenvolvimento, inclusive cultural e intelectual, coleciona fatos que levam à vanguarda quando se trata de cidade pequena e distante dos centros cosmopolitas. De acordo com pesquisadores, a capital potiguar foi a primeira cidade brasileira a usar óculos ray-ban, a mascar chiclete e a tomar refrigerante do tipo cola. Essa história já contamos em matéria na edição de número 19, do mês de janeiro de 2015.

Pois bem, esse cenário descrito acima é para chamar a atenção para uma matéria nesta edição que coloca Natal, mais uma vez, na vanguarda dos acontecimentos. Sim, acontecimentos, porque quando se trata de Natal, cada mergulho é um flash, como dizia a hilária personagem de Mara Manzan na novela O Clone. Chega de conversa e vamos lá. A matéria, muito bem escrita pela jornalista Marina Gadelha, remete à efervescência do movimento contracultura dos anos 60. Num lugar considerado extremamente distante, na hoje badalada Av. Eng. Roberto Freire, o empresário Luiz Carlos Abbott Galvão construiu o Hippie Drive-In, quando a estrada para a longínqua praia de Ponta Negra era de barro e a iluminação precária. Tanto que ele foi considerado um louco pelos amigos.

Sem se intimidar com o pessimismo, abriu o complexo que divertiu a juventude alternativa de Natal em uma época ainda conservadora. Lá funcionavam boates, restaurante, parque de diversões, zoológico, quiosques e um drive-in nada convencional, onde não existia sequer a tela do cinema a céu aberto. Era mesmo pra namorar e soltar a intimidade. Lugar de muitas histórias. Teve a primeira luz negra da capital. No cardápio, a ousadia de produtos sofisticados, como caviar, escargot, saquê, tequila e cervejas importadas. Os coquetéis eram receitas de um maître do Rio de Janeiro, que veio a Natal treinar o pessoal do Hippie. Quer saber mais? Vai lá nas páginas da matéria se jogar nessa instigante história.

Da lista das mulheres elegantes que marcaram época na capital potiguar, Adriana Brasil conta sobre a bela Gipse Pereira Montenegro. Nos tempos em que socialites viviam para se arrumar e receber nos salões com fidalguia, Gipse acrescentou o sucesso profissional. Concluiu História pela UFRN, fez mestrado no Recife e, quando se preparava para enfrentar um doutorado, seu futuro foi interrompido pela fatal doença. Adriana também assina matéria sobre o reduto dos boêmios de Natal que hoje atrai também a juventude das baladas: Bela Napolli. Da Inglaterra, Juliana Holanda traz informações e dicas das escolas de verão. E Andrea Luíza Tavares discorre sobre nova tendência: viagem solidária. Louise Alencar conta a triste história dos Protomártires do Brasil. A falta de árvores nas calçadas de Natal tirou o hábito decaminhar. E muito mais. Cada página é um deleite. Arquitetura, moda, gastronomia, cultura, bastidores políticos etc. Dance. com na Pink Elephant e festas chiques em Brasília. Aproveite. Bem.

Eliana Lima



A MELHOR REFERÊNCIA *quando você mais precisa.*

Saúde em todos os aspectos. Assim é o hospital com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste, 27 especialidades médicas e o único da rede privada com duas hemodinâmicas. Além de tudo isso, você conta com o Check-up Executivo, que realiza uma bateria de exames em apenas um expediente e faz uma avaliação geral da sua saúde. Se um dia precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é referência.

- Equipe médica completa
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

(84) 4009-2000

hospitaldocoracao.com.br

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.





52

Uruaçu

Morticínio liderado por índios e holandeses completa 370 anos em 2015

TURISMO

58 Intercâmbio

Saiba como aprender inglês de férias na Inglaterra

GASTRONOMIA

76 Cores e Sabores

A moda dos utensílios coloridos que alegrem as cozinhas

MODA

82 Mulher Rendeira

Lingeries no topo da indústria da moda

Assine a Revista Bzzz

(84) 99920 7494

revistabzzz@portaldabelhinha.com.br

 /revistabzzzrn

 @revistabzzz

 @revistabzzz



oBoticário

Confraria Malbec.
Um lugar para homens
que têm muito a dizer.
confrariamalbec.com.br



Malbec
Deixe sua marca



Estilo de vida



Visual



Destinos



Perfil





ELIANA LIMA

TINHA UMA PEDRA...

A decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de arquivar, pelo menos por enquanto, o pedido de criação do Partido Liberal (PL) pegou muitos parlamentares de surpresa em Brasília. Na Câmara dos Deputados, cerca de 30 nomes já eram dados como certos na lista da nova legenda, idealizada pelo ministro das Cidades, Gilberto Kassab, hoje presidente do PSD.

...NO MEIO DO CAMINHO

No Rio Grande do Norte, a decisão do TSE compromete planos a curto prazo de deputados estaduais. Pelos corredores da Assembleia Legislativa, cinco deputados já eram dados como certos no PL. Caso o pedido não seja desarquivado, a última esperança dos parlamentares desejosos de migração atende pela alcinha de "janela", em tramitação no Senado Federal.



Eliádo Junior



EM BUSCA DA CANDIDATURA

Em tempos de possíveis migrações, o assunto também tem provocado reflexões no deputado estadual Hermano Moraes (PMDB). A razão para o afastamento está na sucessão municipal de Natal. Não descarta ser candidato novamente, enquanto o PMDB dá todos os indícios de que vai apoiar a reeleição do prefeito Carlos Eduardo Alves (PDT) na capital potiguar.

EM BUSCA DA CANDIDATURA (2)

Quem viu o impasse entre Hermano e o PMDB com olhos de interesse foi o deputado estadual Kelps Lima (SDD). Confirmada a janela partidária, o espaço do peemedebista já estaria reservado no partido de Kelps. Espaço privilegiado, diga-se. O peemedebista chegaria à legenda como pré-candidato a prefeito de Natal.

CONVITE FEITO

Por falar em mudança de legenda, partiu da própria presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), deputada federal Cristiane Brasil, o convite para o colega parlamentar potiguar Rafael Motta, hoje no PROS, presidir a sigla no RN. O PTB foi presidido pelo seu avô, o ex-deputado Clóvis Motta, no passado. Cristiane disse a Rafael para decidir no seu tempo.



Eliádo Junior

O PESO DA PAUTA

Além das reformas política e tributária e do Pacto Federativo, outro tema que deve ganhar o plenário da Câmara dos Deputados neste segundo semestre é o parlamentarismo. O presidente da Casa Eduardo Cunha (PMDB) já declarou que quer colocar a matéria em pauta. De acordo com a proposta, o sistema parlamentarista seria uma realidade no Brasil a partir de 2019.

A DEUS PERTENCE...

Ainda continua incerto o futuro do comando do PSB no Rio Grande do Norte. Com o diretório sob o comando da vice-prefeita de Natal, Wilma de Faria, vigente até o final de outubro, o que segue posterior a essa data ainda é dado como incerto. Na lista dos interessados, o deputado estadual Tomba Faria e o grupo da ex-deputada federal Sandra Rosado.

UNHA E CARNE

Falando em Wilma de Faria, a “guerreira” chegou a cruzar agendas para caminhar ao lado do governador do RN, Robinson Faria (PSD). Nos festejos de Santana, pela região Seridó. Corre à boca pequena que Wilma trabalha silenciosamente para ser a candidata do governo à Prefeitura de Natal no próximo ano. Porém, contra isso, conta com um obstáculo chamado PT. Caso não vingue, segue na disputa por uma vaga na Câmara Municipal, que deve puxar alguns pessebistas junto com ela.

DOIS EM UM

Na Governadoria, comenta-se sobre a distância dos auxiliares que compõe o subgoverno do PT do secretariado ligado diretamente ao governador. A água e o óleo ainda não se misturaram no alto clero do administrativo estadual. Robinson tem se esforçado para assegurar a unidade do grupo.

AMOR POTIGUAR

Os dias de férias no RN foram suficientes para a deputada federal Mariana Carvalho (PSDB-RO) encontrar um grande amor em solo de potis-enamorados. Mariana, que é pré-candidata a prefeita de Porto Velho, foi vista com o love do erre-ene, que não é político, na cidade de Caicó, durante a festa de Sant’Ana.



neve.rondonia.com

OLHAÍ

O intrépido presidente da Câmara, Eduardo Cunha, ganhou um apelido. Nos elevadores a pergunta que se faz: “O que Dudu vai aprontar esta semana?”. E a afirmação: “Dudu é o amigo que todos querem ter”.



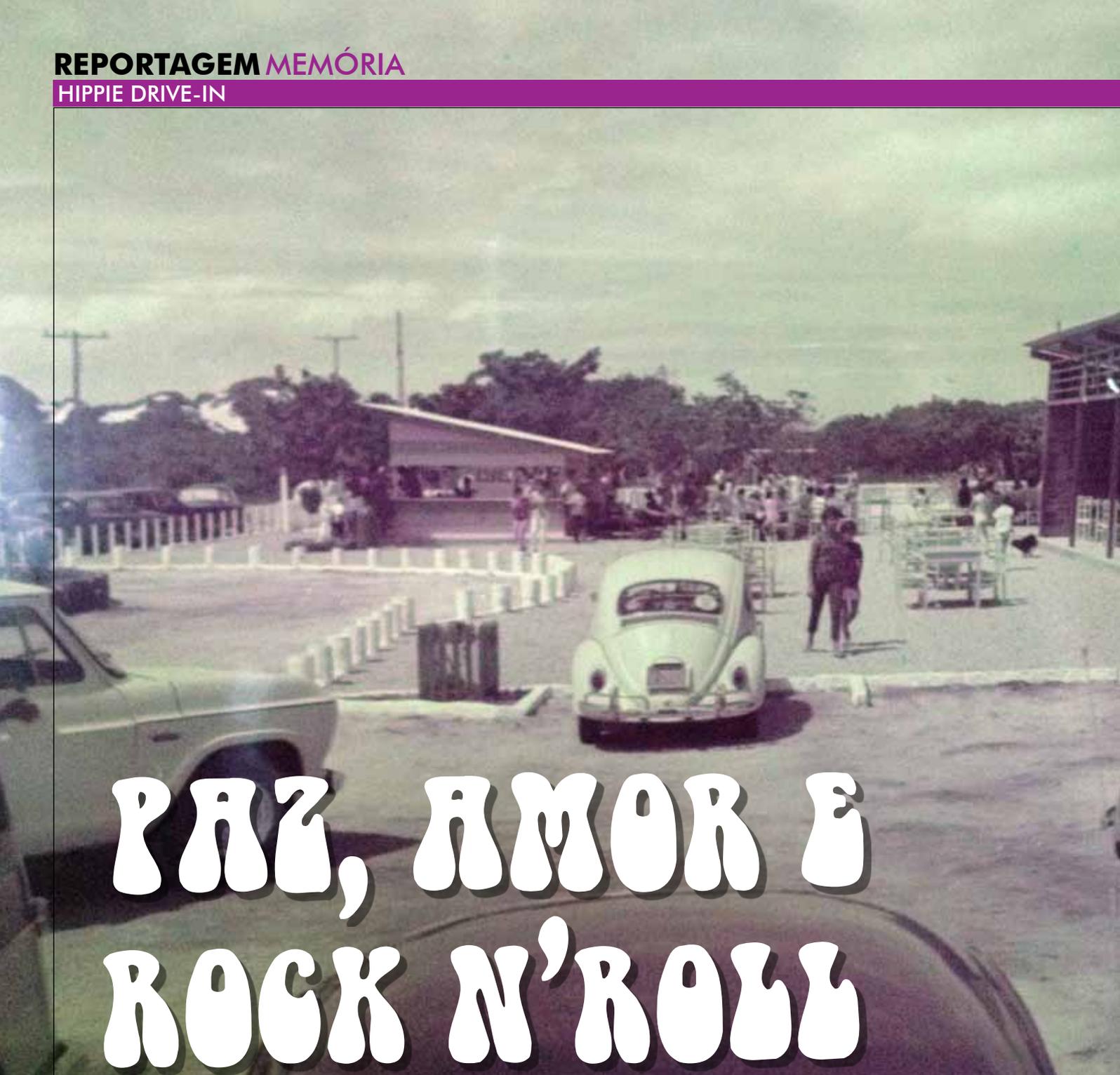
blog.robsompires.com

BZZZZ...

O Congresso é um lugar de muitas particularidades. Dia desses, a Abelhinha-Planaltiana se deparou com uma super loira fazendo o serviço de limpeza nos corredores. A moça com cabelos tratados, corpo sarado e simpática faz parte da equipe de ASG da casa. “Uma gata”, exclamou certo parlamentar. E muitos são os suspiros quando passam pela bela.

FALTA QUE FAZ

Muitos em Brasília e que chegam à capital federal estão désolés. Motivo: o jornalista Heraldo Pereira não está mais realizando consultoria de media training, curso que ajuda a falar em público, dar entrevistas e boa postura, necessárias a gestores e porta-vozes de organizações.



PAZ, AMOR E ROCK N'ROLL

Nascido na efervescência do movimento contracultura dos anos 60, o Hippie Drive-In divertiu a juventude alternativa de Natal em uma época ainda conservadora. Lá funcionavam parque, zoológico, boate, restaurante e um drive-in que de cinema não tinha nada

Por Marina Gadelha
Fotos arquivo



QUANDO O IÊ-IÊ-IÊ TOMOU conta do País e a discoteca virou febre nacional, um point badalado trouxe as transformações culturais para a sociedade natalense. O Hippie Drive-In surgiu em 1967 na Avenida Roberto Freire, onde hoje em dia funciona o shopping Seaway, distribuído em 40 metros quadrados com opções de lazer inusitadas para um só lugar. Lá se misturavam boates, restaurante, parque de diversões, zoológico, quiosques e um drive-in nada convencional, onde não existia sequer a tela do cinema a céu aberto. O intuito era mesmo namorar dentro do carro e se divertir nesse complexo de lazer que colecionou boas histórias em um ponto ainda inexplorado pelo comércio local, com difícil acesso e considerado longe de tudo.

A estrada para a longínqua praia de Ponta Negra era de barro, a iluminação precária e a distância enorme para quem morava em Natal, que na década de 60 contabilizava cerca de 220 mil habitantes. Por causa dessas características negativas, o empresário Luiz Carlos Abbott Galvão foi considerado louco ao construir o Hippie Drive-In na Avenida Roberto Freire. Sua esposa, Diná Abbott Galvão, lembra o pessimismo de todos os colegas antes da inauguração desse negócio inovador, inspirado em um empreendimento similar que Abbott conheceu em viagem ao México. “Para surpresa geral, o Hippie foi um sucesso. Apesar de longe, era muito bem frequentado e funciona-

va de domingo a domingo”, ressalta a viúva, acostumada à alma criativa do cônjuge que gostava de se aventurar em novos desafios.

A primeira noite do Hippie foi embalada pela banda local “Os Infernais”, um dos vários conjuntos de rock nascidos nas escolas de Natal em uma época de forte influência desse novo ritmo mundial. Os adolescentes viviam o movimento “paz e amor”, um comportamento coletivo de contracultura iniciado nos Estados Unidos que refletiu na criação de uma música diferente dos gêneros tradicionais anteriores. De acordo com os irmãos e pesquisadores Fred e Carlos Rossiter, o Hippie Drive-In simbolizou a ruptura ao estilo de todos os clubes tradicionais da cidade, onde aconteciam as principais festas sociais.

A nova sede do América atraía a elite, enquanto ABC, Assen e Aeroclube eram opções para os não associados à imponente Babilônia do Tirol. Já o Hippie era o point alternativo da “agitada juventude que amava os Beatles e os Rolling Stones, com hábitos diferenciados. Ambiente psicodélico inspirado no ‘Flower Power’ californiano [força das flores, slogan usado pelos hippies], intimista e ousado para a cidade que teimava em ser provinciana. Era o auge da chamada ‘Era de Aquário’, na qual os jovens do mundo todo aderiram, de alguma forma, ao ‘faça amor, não faça a guerra’”, explicam os autores do livro “Dos Bondes ao Hippie Drive-In”.



Integrantes da
banda Impacto 5



Os Vândalos



The Jetsons

EMBALOS SOB A LUZ NEGRA

Enquanto o sol brilhava, o espaço era familiar. O cenário ficava repleto de pais e crianças no parque e no zoológico – um dos únicos de Natal, juntamente com o montado na Cidade da Criança. No local conviviam “onça-pintada, tamanduá-bandeira, anta, cotia, porco-espinho, urubu-rei, faisão e outras variedades de aves”, detalha o engenheiro Narcelio Marques em artigo escrito para o Jornal de Hoje. Já o parque possuía brinquedos tradicionais como gangorra, escorrego, balanço e uma pequena roda gigante. Ao cair da noite, a juventude se esbaldava nas duas boates, sendo uma aberta e outra fechada. Esta última recebeu a primeira luz negra da capital, que causava efeito diferenciado na pista de dança e surpreendia as moças caso estivessem com roupas íntimas brancas: as peças ganhavam destaque nas desavisadas ou desinibidas que quisessem sensualizar com calcinha e sutiã ilumi-

nados. As camisas dos funcionários e decoração do ambiente, idealizada por Tarcísio Mota, também se sobressaíam propositalmente.

Movidos a gim com água tônica, bebida destacada pelo brilho na luz negra, os natalenses caíam no rock’n’roll e paqueravam à vontade entre luzes e hits da época, como “Yellow River”, “Gostava Tanto de Você”, “Something” e “Detalhes”. O jornalista Francisco Lira, em relato para Fred e Carlos Rossiter, revela que aproveitava o formato “engaiolado” do dancing para tirar casquinha das garotas durante as danças, pois o pessoal das mesas não conseguia ver o salão onde tudo acontecia. “Diferente dos clubes tradicionais, onde os dançarinos ficavam expostos aos olhares curiosos, no Hippie era punk. Perfeita a sala dos amassos. Fui muito lá... 50? 100 vezes? Era bom demais, melhor que estudar para o vestibular”, recorda.



Pequena roda gigante era movida a manivela no parque de diversões do Hippie

Nas boates aconteciam os shows das bandas mais famosas da cidade. Os conhecidos Impacto Cinco, The Jetsons, Infernais, Os Vândalos, Os Terríveis, Alerta Cinco e outros conjuntos faziam ferver o complexo que chegava a receber 1.800 pessoas em apenas uma noite. Muitas excursões vinham de cidades vizinhas, como Recife, João Pessoa e Campina Grande, exclusivamente para as festas do Hippie. Não havia nada igual pela região. Em Natal, inicialmente os pais não deixavam suas filhas frequentarem o local,

ainda mais se fosse com os namorados, mas as universitárias ou estudantes do ensino médio contornavam a situação formando grupos de amigos para irem todos juntos – eram as conhecidas tribos. Entre os frequentadores locais estava o atual ministro Henrique Eduardo Alves, o ex-vice-prefeito Marcílio Carriho e os irmãos Newton Nelson, Nelson Newton e Rui Faria. Até mesmo o ex-governador Aluizio Alves aparecia algumas vezes no badalado point de encontro da juventude.

O então guitarrista dos Infernais, Ribamar Cabral, detalhou para os irmãos Fred e Carlos como eram os shows no Hippie, onde o palco de apenas 30 centímetros acima do piso deixava a banda bem próxima do público. “Muitas vezes pessoas agarradas fingiam uma dança e caíam sobre nós. Era aquele alvoroço, quando terminava a noitada encontrávamos brincos, pulseiras, cintos e achamos até um relógio dos bons, além de outros pertences mais íntimos perdidos nos embalos sensuais do rock”, compartilha.

NO ESCURINHO DO DRIVE-IN

Quem procurava mais privacidade se dirigia ao drive-in, onde os carros estacionados debaixo das árvores serviam de abrigo para os momentos “calientes” dos casais. Se nos demais lugares o filme era uma desculpa, na versão natalense não havia essa necessidade. Quem chegava lá podia namorar à vontade, contanto que consumisse produtos do bar levados por um garçom orientado especialmente para esse fim. Temístocles Amador, atual presidente do Clube de Radioamadores do RN, foi gerente do empreendimento e ressalta que naquela época não existia motel na capital potiguar, portanto, o drive-in era a única opção de mais privacidade. A total discricção era garantida no local estrategicamente posicionado em uma área escura nos fundos do complexo, com entrada à parte e um atendente homossexual para evitar qualquer tentativa de observar a intimidade dos casais. O código para chamá-lo era o piscar de luzes do carro e ele seguia com uma lanterna para avisar a sua chegada.





Luiz Carlos Abbott Galvão e Temístocles Amador



Fred Rossiter, Temístocles Amador e Carlos Rossiter recordam os tempos da juventude paz e amor

NO CARDÁPIO, CAVIAR E ESCARGOT

Temístocles viveu intensamente os dias de glória do Hippy e destaca a organização do visionário Luiz Carlos Abbott Galvão, que ainda na década de 60 implantou um sistema diferenciado para o trabalho dos garçons. Cada um dos 12 rapazes recebeu uma numeração e a mesma quantidade de luzes foi instalada em um painel com a identificação dos números. Assim, bastava acender a lâmpada correspondente ao garçom para a entrega de pedidos dos seus clientes. O cardápio do bar também chamava atenção pela quantidade de produtos sofisticados como caviar, escargot, saquê, tequila e cervejas importadas. Os coquetéis eram receitas de um maitre do Rio de Janeiro, que veio a Natal treinar o pessoal do Hippy. Outra característica marcante era a entrega de brindes diversos, pintados a mão pela artista plástica Lourdes Guilherme: pratos, xícaras, conjuntos de costura e outras peças, sendo a mais curiosa um pires com os dizeres “roubei do Hippy Drive-In”. A Kombi do empreendimento, bem colorida no estilo paz e amor, transportava as bandas e os instrumentos musicais da cidade para Ponta Negra.



Crianças ficavam com cuidadoras no parque enquanto os pais aproveitavam o bar

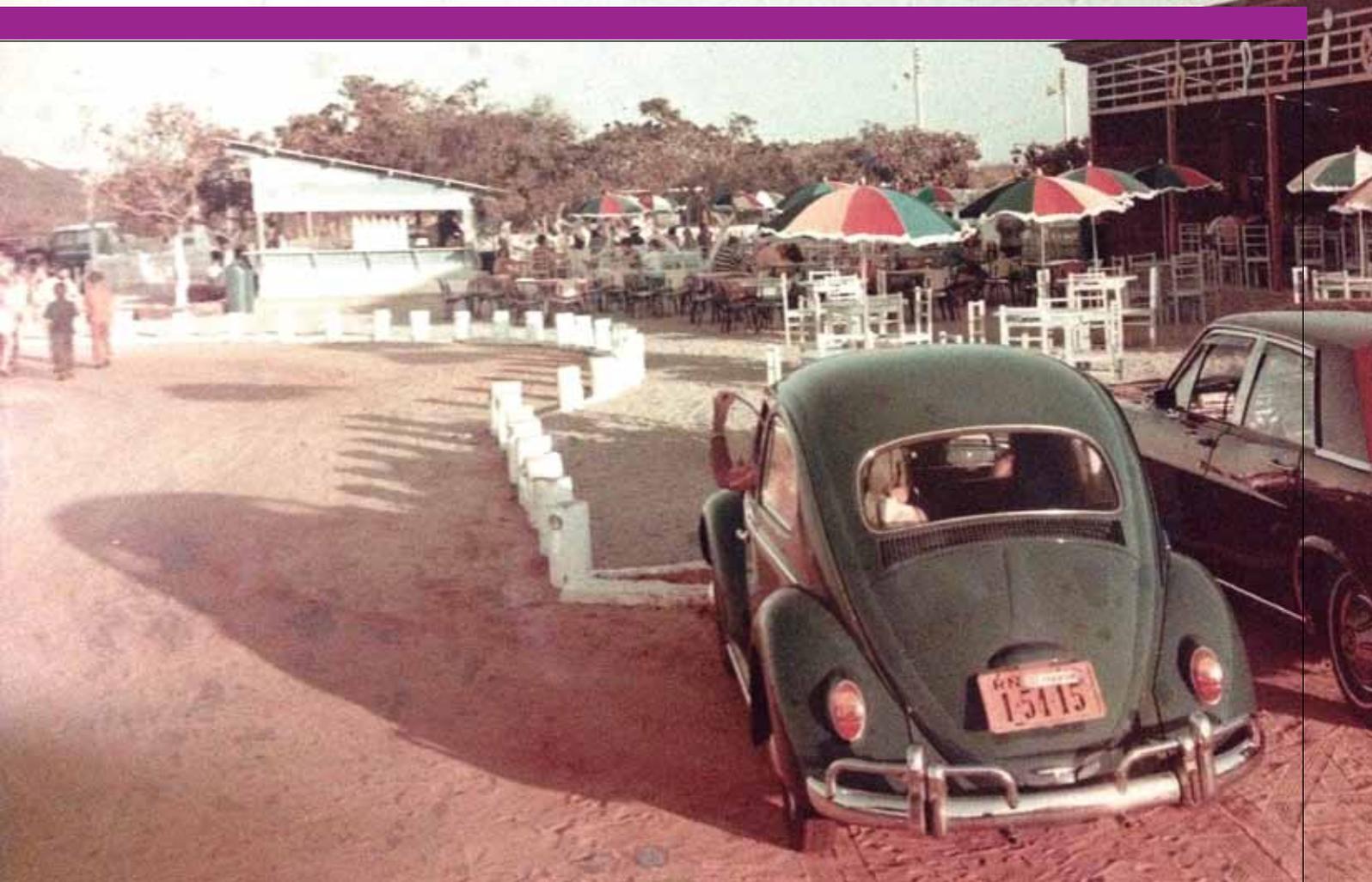
Estripulias e ciúmeira dos aspirantes da FAB

Entre acontecimentos pitorescos do local, o ex-gerente destaca as constantes brigas entre os homens potiguares e os aspirantes da Aeronáutica, pretendentes mais cobiçados pelas moças da cidade. Por sinal, um cadete arrancou um vaso sanitário do empreendimento e foi

obrigado a pagar o prejuízo. Porém, o evento mais curioso é atribuído ao roubo de um dos pavões do zoológico, encontrado na Praia do Meio antes do abate para um banquete entre amigos. Em uma época na qual o capitão Styvenson provavelmente nem era nascido, os

playboys natalenses faziam pirotetas na estrada de barro em frente ao Hippie, transformada em pista de corrida nas madrugadas de festa.

O autódromo improvisado ganhou o nome de “barródromo”, que fazia a plateia engolir poeira ao acompanhar



Demais atrações funcionavam em local separado do drive-in, isolado nos fundos do terreno

as manobras radicais. “Eram comuns os gritos de ‘vira, vira’ para estimular os capotamentos, ocorridos diversas vezes sem maiores consequências. A pista não tinha iluminação e os faróis dos carros na escuridão, com o barulho dos motores turbinados, davam um clima de suspense. A marcação do trajeto era feita com latas de cerveja fixadas em pedaços de pau no chão de barro. De vez em quando, aparecia uma ron-

da do Exército para acabar com a brincadeira, aí a poeira baixava rapidamente e o corre-corre era grande”, descrevem os irmãos Fred e Carlos Rossiter, saudosistas dos anos em que a juventude transviada quebrava paradigmas e inseria novos hábitos de vida na tradicional capital potiguar.

O point de encontro dessa galera fechou as portas em 1974, por decisão de seu proprietário, Luiz Carlos, que pre-

feriu se dedicar exclusivamente ao famoso bar Kazarão, montado em ponto privilegiado da Avenida Campos Sales. Foram apenas sete anos de existência, mas suficientes para imortalizar o Hippy Drive-In nas memórias de seus frequentadores que nele vivenciaram momentos nunca antes experimentados. Na verdade, até hoje não surgiu outro local semelhante em Natal. O Hippy era único. Era intenso. Era rock and roll.

A photograph of the interior of a restaurant, likely Trattoria Bella Napoli. The room features a high ceiling with dark wooden beams and a chandelier with multiple lit bulbs. The walls are white with a textured finish, and there are framed pictures and a fire extinguisher on the wall. A large arched doorway in the background leads to another room. In the foreground, there are tables with green tablecloths and dark wooden chairs. The overall atmosphere is warm and rustic.

SALVAÇÃO DAS MADRUGADAS

Reduto da melhor boemia de Natal, a Trattoria Bella Napoli resiste ao tempo e crises. São 40 anos de muitas histórias. Pelas suas mesas já passaram nomes como Câmara Cascudo e Sylvester Stallone

Por Adriana Brasil

Fotos: Rogério Vital, Arquivo da família



NATAL É UMA CIDADE que dorme, reclamam os notívagos, que contam com um único restaurante aberto durante toda a madrugada, tradicional reduto de boêmios e que hoje em dia atrai também os jovens. Trata-se da Trattoria Bella Napoli, refúgio de insones que buscam sair durante as noites e os baladeiros que procuram a última dose ou uma cerveja estupidamente gelada, acompanhada de um prato consistente, de sabor italiano, após as festas. Localizada na principal avenida da cidade, a Hermes da Fonseca, no bairro do Tirol, é famosa por funcionar até o raiar do sol.

Funciona em um antigo e charmoso casarão, decorado com quadros de paisagens típicas do Brasil e da Itália, como as praias de Ponta Negra, do Meio e a cidade italiana de Nápoles, terra natal do fundador da casa, Vincenzo Giorgio. Estilo de uma tradicional cantina italiana, os tons branco e verde estão presentes na decoração do ambiente. À meia luz dos lustres, os móveis rústicos conferem ao local aconchego e um toque de refinamento simples, além da peça mais conhecida da casa: um piano, tocado por Manoel Silveira, o famoso garçom da casa que aprendeu ouvindo e se tornou o requisitado pianista que atende aos pedidos dos frequentadores.

Fundado em 1975, inicialmente na Praia do Meio, pelo italiano Vincenzo Giorgio, figurou por anos entre os três restaurantes que eram referência gastronômica na cidade, ao lado do Nemésio (culinária espanhola) e o Xique-Xique (regional). “O Bella Napoli trouxe a cozinha italiana para Natal. Era o próprio don Vincenzo quem coordenava os trabalhos na cantina. Assim como hoje, as massas eram preparadas na própria casa”, explica Luigi Giorgio, filho de Vincenzo que hoje administra a casa.

Da Copa do Chile a uma esticada no Brasil

Vincenzo Giorgio nasceu em 1962, em Nápoles, cidade italiana famosa pelo vulcão Vesúvio. Gostava de futebol. Aos 26 anos veio, com um amigo, pela primeira vez à América do Sul, para ver a Copa do Chile, em 1973. Após a derrota da Itália, decidiram passear pelo continente e escolheram como destino o incógnito Brasil. Vindo pela Argentina, cruzaram a fronteira do Rio Grande do Sul e chegaram até a capital, Porto Alegre, onde Vincenzo conheceu a gaúcha Carmem, por quem se apaixonou e logo começou a namorar. O italiano resolveu ficar de vez no Brasil. Estabeleceu-se como negociante, vendendo mercadorias diversas no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco.

Carmem estava grávida de Luigi quando, a convite de um parceiro no Recife, Vincenzo deu uma esticada até Natal. Ao se aventurar pela cidade, no escalar de uma duna, avistou a Praia do Meio. A paisagem, os sons do vento, mar e o balançar dos coqueirais recordaram em Vincenzo os tempos de menino, quando se imaginava ele próprio em uma ilha de pirata, cenário que fascinava-o. “Foi ali que tomei a decisão de viver em Natal.” - teria ele relatado, posteriormente. “Dado a aventuras, abria um mapa em cima da mesa, me chamava e perguntava: “Carmem, me diz onde eu posso ganhar dinheiro? Ora, eu respondia que



No Bella Nápoli, Vincenzo e Carmem celebraram momentos felizes do casamento que durou mais de três décadas

eu não era vidente!”, conta ela aos risos sobre as aventuras do saudoso marido.

Ao se estabelecer na capital, junto com a família - o primogênito Luigi contava poucos meses de vida -, Vincenzo abriu um restaurante italiano na Praia do Meio. A ideia foi dada pelo amigo espanhol Nemésio Morquecho, que tinha um restaurante de cozinha espanhola na cidade. Na fachada, Vincenzo mandou pintar nas cores verde e vermelha o nome “Trattoria Bella Nápoli”, alusivo à terra natal. Carismático, ativo e bem humorado, o italiano já cativara amigos durante a estadia na capital potiguar.

“Estava intensamente dentro do negócio”, relata Manoel, amigo e garçom do restaurante desde o princípio. “Ele recebia os clientes, atendia no bar e acompanha o que era feito na cozinha. Amava aquilo tudo”, recorda. No cardápio, nhoque, ravióli, canelone e pizza, a inovação que conquistou o público de Natal.

O Bella Napoli se estabeleceu como referência gastronômica na cidade. O historiador Câmara Cascudo frequentou o lugar, assim como diversos políticos, artistas e os boêmios da cidade. Em 1984, o restaurante mudou-se para o bairro do Tirol, região

mais central da cidade, onde permanece até hoje. A família de Vincenzo cresceu. Ele e Carmen já eram pais de Luigi, Rafaele e Anna. A clientela antiga, em parte, manteve-se, em especial os boêmios - clientes que nutrem um apaixonado vínculo com o estabelecimento. São esses que fazem o retrato intenso - e inquieto - da relevância do Bella Napoli para as suas vidas e o cenário social de Natal, ao longo dos seus 40 anos de existência.



Vincenzo (centro) e família

Margarida, Leopoldo, o uísque e a saudade

Nas noites de sexta, uma mesa encostada à janela no terraço da cantina é reservada para Margarida Bittencourt. Uma septuagenária, magra, elegante, vestida de seda, a face rosada, que sorri ainda viçosa. Os cabelos médios, com muitos fios brancos, penteados, que conferem à aparência dela uma elegância sem igual. Chegou de bengala, sozinha, abriu um dos porta-uísques que trouxe na bolsa.

No Bella Napoli, Margarida repete há décadas o ritual que fazia em companhia do marido, o artista plástico, escritor e médico Leopoldo Nelson, falecido em 1994. “Foi o Leopoldo que me ensinou a beber”, revela, enquanto os olhos faíscam. Nas festas e saídas do casal, Margarida acompanhava Leopoldo, mas sem tocar na bebida. “Eu era amuada, sentada do lado dele encolhida, assim (curva o corpo em direção a um amigo sentado à mesa que testemunha o relato). Eu era chata, viu?”, diverte-se.



Margarida Bittencourt

O ingresso de Margarida na comunhão da boemia se deu após os 30 anos de idade do casal e foi um momento de puro romantismo. “Sempre que a gente voltava do Bella Napoli pra casa (o restaurante ainda era na Praia do Meio), o Leopoldo continuava a tomar doses e mais doses de uísque pela casa. Eu preparava a nossa cama e ficava esperando, angustiada... ele nunca vinha deitar”, lembra.

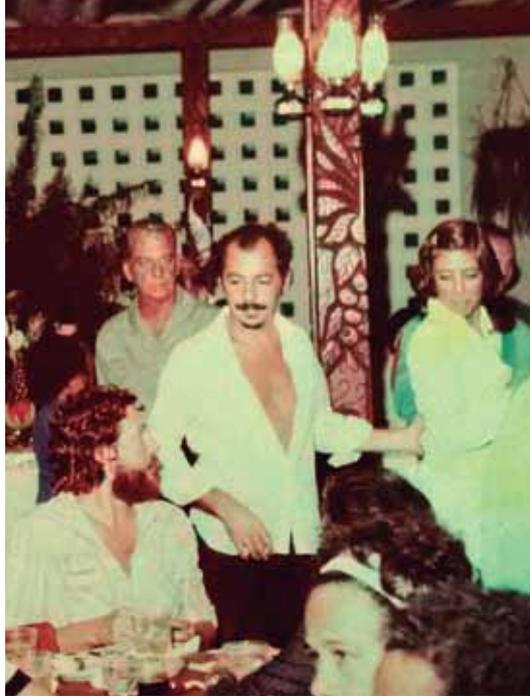
Cansada do martírio, num gesto de entrega e desapego, aos prantos

Margarida implorou ao companheiro. “Eu disse: ‘Leopoldo, por favor, me ensina a beber!’ – foi quando eu bebi o meu primeiro cálice de vinho”, recorda. Outras taças vieram. E uma noite inesquecível. No dia seguinte, ao acordar, o mundo ressurgiu, diferente. “Saí logo cedo de casa para trabalhar e quando voltei, ao abrir a porta da sala, uma surpresa: Leopoldo havia preparado um caminho de pétalas de rosas para mim, da entrada de casa em direção ao nosso quarto. A casa toda cheirava”, relembra.

Desde então, a vida do casal tomou um rumo diferente. Margarida descobriu o prazer de festejar a vida. O casal era presença assídua no Bella Napoli. Até a morte do marido, em decorrência de uma intoxicação pelo chumbo das tintas das telas. Ambos tinham 53 anos. “Fui a mulher mais amada deste mundo. E a primeira mulher boêmia de Natal”, orgulha-se. “E desde então, venho aqui tomar o nosso uísque”, ergue um brinde ao ar.



O escritor Alex Nascimento é um dos clientes fieis



Alex Nascimento ao centro, em pé, em uma das muitas ocasiões de antigamente

“

Este local foi o ponto de encontro de artistas, intelectuais, boêmios. Políticos também frequentavam.”



O refinado cliente Câmara Cascudo

Ave noturna à espreita

Em uma mesa da área externa da cantina, encontro um remanescente da boemia, frequentador dos mais antigos da casa: o escritor e poeta Alex Nascimento, conhecido pela inteligência e pela irreverência. Como todo gênio, nem tanto acessível assim. Só quando se cair em sua graça. Estava acompanhado da namorada, Mariana, uma bela morena vestida de preto.

“Gosto daqui pelo seguinte: Natal fecha, o Bella Napoli, não. Continua a ser fiel aos seus frequentadores. Nem considero o momento atual do comércio, tá tudo indo pra puta que pariu. Tem lugares que estão decaindo, mas não o Bella Napoli”, discorreu Alex, sem descartar sua saliva debochada, digamos assim.

Recluso durante o dia, passa a noite em claro. “Adoro a noite, esse ventozinho...tudo apagado. Daí a pouco, às cinco da manhã, vem aquela bola de fogo, aquele astro-rei de merda pra perturbar e tirar o romantismo”, protesta com sua impiedosa verve.

Por volta das 23h, cresce o movimento do restaurante. Alex observa a paisagem ao redor, com um pouco de desalento. “Da clientela das antigas, aqui presente eu só conheço a Margarida. Este local foi o ponto de encontro de artistas, intelectuais, boêmios. Políticos também frequentavam. Botavam uma puta numa mesa aqui fora. Vinham pra cá pra conversar merda, contar mentira, trocar o óleo, o rabo, fazer alguma coisa, e porque um monte

deles era um bando de boêmios. E só aqui estava aberto para eles jantarem, trocar dinheiro pra viajarem para o exterior, pra comprarem o Brasil. Porém, mais do que um bar de politicagem, era aqui um bar de boêmios,” descreve o poeta da forma como mais gosta.

Para ele, saudoso dos antigos tempos, o público que hoje frequenta a cantina degradingolou. “Vou te dizer uma coisa: festa de Carnatal, Vila Folia, na Via Costeira, tudo termina aqui. E chegam umas menininhas abestalhadas, descalças, acompanhadas de uns caras bombadões, com as camisas arrochadas pra mostrar o muque. Vem tudo para cá, tomar a última e fazer zoada. São um outro tipo de passageiros da agonia”, frisou.

Ave Maria em Latim

Noves fora o cenário juvenil da atualidade, o que adocica a fala do escritor é lembrar da amizade com o antigo dono, desde os tempos em que o Bella Napoli era na Praia do Meio. Recorda as peripécias fora do restaurante: “Saíamos daqui, eu e Vincenzo, rumo à casa da minha mãe. Em meio a um café, uma biritinha, ele pedia: “Alex, aquela música”. Então, a gente escutava um LP de Stevie Wonder cantando Ave Maria em latim, de Schubert. Ele ia às lágrimas. Ligava para a mulher e dizia: “Carmem, vou chegar mais tarde um pouco, que estou em Nísia Floresta, comprando camarão”. Mentira! Ele ficava lá em casa, duas, três horas da tarde, bêbado. Ela, por certo, dizia acreditar”, revelou Alex.

O napolitano foi um bom administrador. “Cozinhava. Tinha equipe na cozinha, mas ficava de olho. Teve outros negócios, mas gostava mesmo era daqui. Vincenzo administrava, era comerciante-dono de bar, que é um dos piores trabalhos do mundo, e curti o bar. Estava com os olhos atentos a tudo. Depois ele foi se afastando, o filho tomou conta”, continua.

O álcool e o cigarro minaram a saúde do empresário, que morreu de câncer, em 2011, após 36 anos à frente do restaurante. Alex recorda a época em que Vincenzo ficou mal de saúde. “Uma coincidência: quando ele ficou mal e foi para o hospital, mamãe também foi. Morreram vizinhos de sala na UTI. Mamãe morreu às dez da noite e Vincenzo às dez da manhã, do mesmo dia.”



O talento do garçom Manoel ao dedilhar o piano

Manoel e o piano

Um piano Essenfelder recebe acordes de “Este Seu Olhar”, de Tom Jobim, através dos dedos do pianista Manoel Silveira. Um antigo cliente da casa, encostado ao piano, entoa, de olhos fechados: “Ah! Se eu pudesse entender o que dizem os teus olhos”.

Numa tarde, há mais de duas décadas, o garçom Manoel lustrava uma taça quando viu chegar o pesado instrumento, comprado por Vincenzo, que achava que ali faltava um piano como atrativo. Manoel gostava de música e logo resolveu experimentar a novidade. Era a primeira vez que sentava para tocar um piano.

Dedilhou os acordes de uma das canções preferidas, o fox “Nada Além”, composto em 1936 por Mário Lago, sucesso na voz de Orlando Silva. Com esforço e talento nato, o resultado foi o rápido aprendizado de um dos instrumentos mais complexos de

se tocar. “Eu tirava o avental e ia tocar no piano os pedidos musicais dos clientes”, recorda. Assim, o autodidata Manoel alçou o posto de pianista do restaurante.

Aos 74 anos, redondo, barbudo e de boina, Manoel é um homem discreto. No restaurante, observa, conversa com conhecidos e atende aos pedidos musicais dos clientes. É o mais famoso pianista das noites boêmias natalenses. O Bella Napoli mantém o tom que a boemia pede.

O pianista foi o primeiro garçom do Bella Napoli, também amigo e homem de confiança de Vincenzo. Conheceram-se no Recife e reencontraram-se tempos depois, em Natal, em um encontro casual pelas ruas da cidade. “Vincenzo então me contou que morava aqui e que pensava em abrir um restaurante. Na mesma hora resolvi largar meu emprego e ir trabalhar com ele”, orgulha-se.

Como garçom tem que ser

Bezerra, Jurandir, Júnior são os conhecidos garçons do Bella Napoli. Às tardes, ainda tem o apoio da garçonete Ana Sueli. Alguns desses profissionais trabalham no restaurante há bastante tempo. É o caso de Jurandir, com 19 anos de casa e muitas histórias para contar. Uma delas remete àquela tradicional intimidade adquirida com a clientela cativa.

Há 16 anos, sentavam-se em uma mesa encostada a um canto um homem, em seus 40 anos de idade, acompanhado das duas filhas pequenas. Apareciam aos domingos, sempre na hora do almoço. O prato era o mesmo: nhoque. Uma semana, notou a falta. Passaram-se mais dias e nada. E assim foi durante alguns meses. Até que um dia, o garçom limpava uma mesa quando lhe chamaram pelo nome.

Eram as duas garotas, acompanhadas da mãe. “Ao me verem, já vieram chorando e me abraçaram. Eu sem saber o porquê daquilo. Vieram comunicar que o pai delas havia morrido. Elas fizeram questão de que a mãe as trouxesse até aqui para me darem pessoalmente a notícia. Aquilo me emocionou”, conta Jurandir. Tempos depois, as garotas, já adultas, voltaram a frequentar o Bella Napoli. “Hoje atendo as duas irmãs, já mães de família. Continuam a sentar naquela mesma mesa e pedem nhoque, conta”.



Os garçons Bezerra e Jurandir

“

O bom garçom tem que atender com o coração.”

Júnior acredita que é preciso sensibilidade e tato para lidar com a clientela. “O bom garçom tem que atender com o coração”, diz. Para Bezerra, algumas vezes é preciso dar uma de psicólogo. “Nos casos dos clientes que dão um certo trabalho, como os que se excedem na bebida.

Nesses casos, é preciso administrar a situação, em nome do conforto do cliente e dos demais”, comenta.

Dos mais de sete anos de trabalho no Bella Napoli, ele se diverte ao recordar a passagem de famosos no local. A equipe já atendeu os artistas Benito de Paula, Fafá de Belém e Waldick Soriano, este último frequentador assíduo quando estava em Natal. Outros ilustres que já saborearam do menu Bella Napoli foram os atores Sylvester Stallone e Regina Duarte, que pediu ajuda sobre como preparar o molho bolonhesa, e o cantor Fagner.



Filha de Câmara Cascudo, Anna Maria presenteou Vincenzo com uma foto do pai



Elegância e descontração de outrora



Fachada da Bella atualmente

Presente, tempo imperfeito

O restaurante permanece aberto, mesmo diante do cenário de concorrência e inovações do ramo e da crise que afeta a economia do país. “Não está fácil”, diz Luigi Giorgio, filho de Don Vincenzo, como era conhecido o fundador da casa, atual gestor do

restaurante. Bares e restaurantes perderam parte da clientela devido à redução do poder aquisitivo e a consequente contenção de gastos. Além de que inovação e originalidade dos empreendedores de bares, pubs e restaurantes atraem novos clientes pela oferta de novi-

dades. Há concorrência por toda a parte, a fisgar os gostos diferenciados, atingindo os negócios que se mantêm na linhagem tradicional.

Hoje, lá estão os filhos e os sobreviventes, mas assim, metade da turma daquele tempo foi embora. São quarenta anos.



Luigi Giorgio, filho de Vincenzo, reconhece a situação difícil



Fotos: Rogério Vital/Deguste

SOMBRA QUE URGE

Ao longo dos anos, a capital potiguar vem sofrendo processo de desarborização das calçadas. Com a falta de sombra que as árvores proporcionavam, foi-se também o hábito de caminhar

Por Roberto Campello

Fotos: Andréa Luíza Tavares



CAMINHAR PELAS CALÇADAS de Natal não é tarefa das mais fáceis. A ausência de acessibilidade, diante dos obstáculos – verdadeiras barreiras arquitetônicas –, obriga, muitas vezes, os pedestres a caminharem pela rua, disputando espaço com veículos. O sol forte é outro problema que faz natalenses e visitantes evitarem transitar pelas calçadas, diante do processo de desarboreização, que tira o clima mais ameno antes proporcionado pela sombra das árvores. O cenário de outrora nos bairros da cidade, com frondosas e frutíferas árvores nas calçadas, como o pé de jambo, foi aos poucos mudando com a derrubada das árvores, hoje presentes apenas nos canteiros centrais. Uma ou outra é vista em um ponto distante das calçadas.

Enquanto isso, em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, a sombra das árvores no espaço destinado a pedestres. Assim, é preservada também o hábito de caminhar, seja em compras, passeio etc. Já em Natal, a falta de locais protegidos do sol faz com que a população não abra mão do carro e na maioria das vezes sofre para estacionar em local próximo ao destino que se pretende, para fugir do calor insuportável que faz arder do sol quase sempre escaldante. Além do mais, também se teme a violência na capital potiguar.

A Avenida Afonso Pena, que corta os bairros de Tirol e Petrópolis, por exemplo, é chamada de Oscar Freire potiguar, numa referência à badalada avenida paulistana que concentra compras de luxo. Mas, enquanto consumidores caminham tranquilos pela Oscar Freire no clima agradável proporcionado pela sombra de árvores, a Afonso Pena, repleta de lojas de roupas, acessórios, salões de beleza etc, é prejudicada pela falta de árvores nas calçadas.

A empresária Elizabeth Amaral con-

ta que Petrópolis, Tirol e Ponta Negra são as três áreas da cidade que ela mais frequenta – os dois primeiros, normalmente a trabalho, e o último, a lazer. Nos três bairros diz que enfrenta dificuldade de estacionar e de caminhar pelas calçadas. “Durante o dia é praticamente impossível caminhar pelas calçadas da Afonso Pena e da Hermes da Fonseca. O calor de Natal não favorece caminhar de uma loja a outra. As calçadas não têm sombra, porque não há árvores em Natal. Se tivesse melhoraria bastante. Lamento ver a cidade perdendo as suas árvores dia após dia, porque meus filhos e netos cresceram numa cidade sem árvore”, lamenta.

Estudante de Turismo, Heulália Moraes lastima que a cidade, com um grande potencial turístico, tenha “fechado os olhos” para as questões ligadas ao meio ambiente, como o incentivo à arborização. “É lamentável ver Natal, uma cidade que tinha tanto verde, se transformar numa cidade cinza, de concreto. As pessoas vivem nos shoppings, porque é bem mais agradável e confortável. As ruas foram abandonadas”, opina.

Apesar de a cidade ainda contar com uma vasta cobertura vegetal, com grandes áreas verdes, como Parque das Dunas e o Parque da Cidade, é notório que nos últimos anos as árvores estão sendo substituídas por construções, e as calçadas limpas para deixar à vista as fachadas dos imóveis comerciais, aumentando a sensação térmica e comprometendo a qualidade de vida.

Um grande exemplo de preservação da sombra proporcionada por árvores é a grande casa destinada à moradia oficial do comandante do 3º Distrito Naval, nas Av. Avenida Hermes da Fonseca, em Petrópolis. Árvores são bem cuidadas em toda a extensão da calçada.



No calçadão da Av. Roberto Freire a pouca sombra é das árvores da área do Exército



Av. Afonso Pena, inspirada na carioca Oscar Freire, não segue a arborização nas calçadas

Lupas do Ministério Público

A Promotoria de Defesa do Meio Ambiente de Natal está atenta à perda das árvores na cidade. A promotora Rossana Sudário informa que desde que assumiu a promotoria tem lutado para evitar este tipo de degradação. Existem inúmeras investigações, mas ela reconhece que essa não é uma questão simples de ser resolvida.

“Nossas praças públicas não possuem a manutenção adequada, árvores localizadas no

passeio público são arrancadas, com a autorização do Município de Natal, para o estacionamento de carros. As árvores públicas não passam por manutenções preventivas. Não há informação nem de educação ambiental para que a própria população possa ajudar a preservar esse recurso ambiental tão precioso. O MP vê esse processo de perdas de árvores em Natal com muita apreensão, principalmente considerando que não pode ser re-

solvido simplesmente com processos judiciais e sim com uma ampla conscientização pública, tanto da população quanto dos órgãos públicos envolvidos, de que é importante manter a arborização pública para manter a saúde de todos nós”, destaca a promotora do Meio Ambiente.

Segundo Sudário, o Ministério Público tem feito vários processos, tanto cíveis quanto penais, considerando a situação de desmatamento promovida por parte



A residência oficial do comandante do 3º Distrito Naval é exemplo de arborização na calçada

da população, que depois reclama de falta de áreas verdes.

“Em Natal, invasões de áreas públicas proliferam como erva daninha e, infelizmente, o Município tem se mantido omisso e, muitas vezes, ele mesmo patrocina a dilapidação desse recurso ambiental, na medida em que não tem oferecido transporte público de qualidade. Assim, as pessoas continuam a aumentar o número de carros nas ruas e o Município, em seus projetos para melhorar o trânsito, normalmente propõe a retirada de mais árvores públicas de nossa

cidade, o que também tem sido combatido intensamente pelo MP. Quando se trata de meio ambiente, tudo está interligado. Essa situação de falta de árvores precisa ser combatida em várias frentes e propor medida judicial é apenas uma delas”, afirma a promotora.

“Muitas árvores precisam ser plantadas e o Município de Natal, recentemente, ao fazer um convênio de cooperação técnica com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde, em sua cláusula segunda, prevê a produção, o plantio e o acom-

panhamento do crescimento de 20 mil árvores até o ano de 2016, reconhece isso”, revela a representante do MP.

O convênio, contudo, não está sendo cumprido. Diante disso, será realizada uma audiência pública, ainda neste mês de agosto, para discutir, mais uma vez, a situação da falta de árvores em Natal. “Esse trabalho é exaustivo, principalmente porque o Município de Natal teima em não cumprir sua obrigação de defender esse bem ambiental tão necessário à saúde humana”, lamenta Rossana Sudário.

Adoção do verde

O setor de Paisagismo da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur) disponibiliza para a população o programa “Natal Mais Verde”, que consiste na adoção de espaços públicos, como canteiros, praças e áreas verdes, por parte de empresas e pessoas físicas, que se tornam responsáveis pela manutenção do projeto paisagístico desenvolvido pela prefeitura para essas áreas.

Em contrapartida, a Prefeitura de Natal concede ao adotante o direito de fazer propaganda no local. “Este programa incentiva a responsabilidade social com o compartilhamento dos espaços públicos entre os munícipes e o poder público. Natal possui várias áreas disponíveis para serem adotadas e tem crescido o interesse na adoção destes espaços, demonstrando que a sociedade está ciente do seu papel e dar sua contribuição para ajudar a recuperar as áreas verdes da nossa cidade”, explica o secretário da Semsur, Antônio Fernandes.

Para participar, o interessado deve comparecer ao Departamento de Paisagismo da Semsur, localizado na Av. Barão do Rio Branco, 304, Ribeira, ou ligar para o telefone de número (84) 3232- 8674, ou entrar em contato por meio do e-mail: ado-teoverde@gmail.com. A lei que criou o “Natal Mais Verde” foi aprovada e regulamentada em abril de 2009.





Inventário florístico

O secretário Antônio Fernandes afirma que a Semurb iniciou no mês de maio o levantamento florístico da cidade, para se ter conhecimento de todo acervo botânico e, assim, saber o perfil e onde estão todas as árvores da capital. O trabalho foi iniciado pelas áreas centrais, por abrigar as árvores mais antigas, que sofreram ao longo do tempo com processo de urbanização.

A equipe já percorreu as avenidas Marechal Deodoro da Fonseca e Duque de Caxias, mais as ruas Apodi, Jundiá, Mossoró e Seridó, situadas nos bairros de Cidade Alta, Ribeira, Petrópolis e Tirol. Foram caracterizadas até o momento 442 espécies, encontradas ao longo desses corredores. Para essa etapa, foi aberto processo para o licenciamento dos serviços, que precisam ser realizados com supressão ou tratamento do vegetal. A autorização

ambiental, documento expedido pela Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb), será enviado à Semsur, responsável pelo manejo.

De acordo com chefe do setor de Arborização da Semurb, Maurílio Américo, após o levantamento, a próxima etapa é fechar o relatório e solicitar o licenciamento do trabalho que precisa ser feito. Essas informações vão subsidiar o manejo. Ou seja, indicar qual o local apropriado para o plantio, a quantidade de árvores que podem ser plantadas e as pragas que atacam as diferentes espécies.

“Fazemos a caracterização do vegetal, identificando a altura, bifurcação, doenças, pragas, necessidade de poda, substituição, supressão ou tratamento fitossanitário”, explica. “Paralelo a isso, realizamos o plantio nas praças Desembargador Licurgo Ferreira Nunes,

em Ponta Negra, Dom Adelino Dantas, em Neópolis, e uma área verde na Rua Odilon Gomes de Lima, em Capim Macio”, completa.

A secretária-adjunta de Planejamento e Gestão Ambiental, Florésia Pessoa, chama a atenção para a prevenção de acidentes e prejuízos materiais que poderão ser evitados com esse trabalho. “A arborização planejada evita problemas futuros, há muita árvore antiga nas regiões mais adensadas da cidade, onde o fluxo de circulação de pessoas é maior. O asfalto e as calçadas também são prejudicados quando não há planejamento”, explica.

De acordo com Florésia, o levantamento dos espécimes arbóreos da cidade é um trabalho lento, permanente e caro. “Há vários anos a secretaria tenta contratar, mas só agora nessa gestão o trabalho está sendo executado”, assegura.

A DAMA

Gipse Montenegro foi ícone de beleza, elegância, inteligência, coragem e benevolência. Marcou época em Natal com grandes celebrações e filantropia. Perdeu a luta para o câncer no auge da vida, mas não se rendeu à tristeza e deixou exemplo de enfrentar a vida e a morte

Por Adriana Brasil

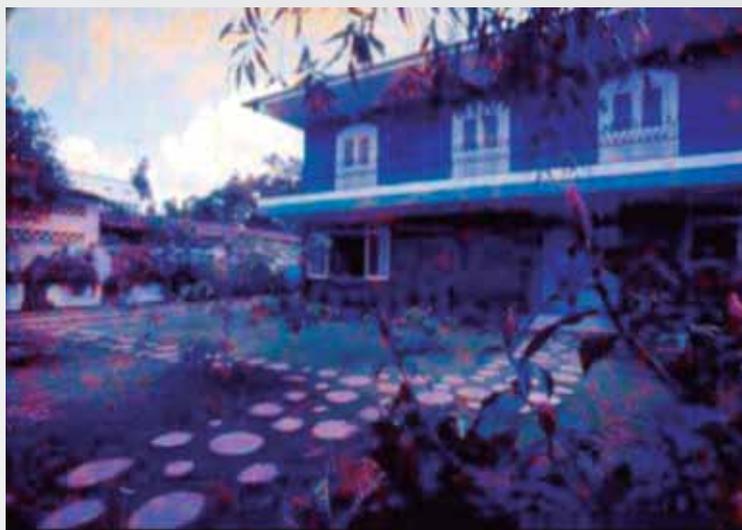
Fotos: Arquivo de família



DÉCADA DE 70 EM Natal, o belo e grande casarão azul localizado na Avenida Hermes da Fonseca era uma referência na cidade. Chamava a atenção de quem passava por destoar dos outros imóveis. Um grande terraço e belo jardim ornavam o casarão de paredes azul cor do céu, ao fundo, com quase 600m². Um longo caminho de pedras dava acesso à entrada da residência da família Montenegro. Era a casa de uma das mulheres mais elegantes da capital: Gipse Pereira Montenegro, que lá viveu edificante história de vida junto ao marido, o médico cardiologista Antônio Montenegro, e os filhos adolescentes Maria Magdalena, Maria Elizabeth e Cid.

Gipse não era apenas uma dama da sociedade natalense. Inteligente e dedicada, teve intensa vida profissional como professora e mestre de História. Foi muito querida do topo à base da pirâmide social. Pelos amigos do jet set aos moradores do chamado morro de Mãe Luiza. Teve uma vida breve e intensa. Morreu no esplendor dos 42 anos, em 1980, vítima de um câncer no colo do útero. Era refinada e ao mesmo tempo simples. Mãe protetora e trabalhadora incansável. Vaidosa e desprendida. Gostava de comemorações. Organizou festas filantrópicas e serestas em sua própria casa, que marcaram pela criatividade e bom gosto.

A vida acadêmica era um fascínio. Gostava de ensinar. Mestre em História, era docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Preparava-se para fazer o doutorado, mas os sonhos foram interrompidos pela doença que lhe tirou a vida. Ficaram as memórias de muitas festas gloriosas e solidariedade. As sementes plantadas em forma de boas ações reverberaram em saudades e surpresas para amigos e familiares até os tempos atuais.



A Casa Azul, residência dos Montenegro



Gipse com os filhos Madalena, Bebeta e Cid

Simplemente Gipse

Nasceu no dia 8 de maio de 1938, na Rua Rodrigues Alves, em bairro nobre da capital potiguar. O nome da segunda filha do casal Abel Antunes Pereira e Áurea Pacheco Pereira foi inspirado pelo romance “A Caravana Verde”, de Oliver Sandys. Gipse veio de Gypsy (cigano). O casal teve ainda as filhas Marilene, Iara, Suely e Lúcia Helena, e o filho do coração Alberto Cícero. A infância foi vivida, em parte, na cidade de Ceará-Mirim, interior do Rio Grande do Norte. Vivia feliz em meio a brincadeiras e estudos no Colégio Santa Águeda. Depois, a família veio morar em Natal, onde Gipse continuou os estudos na tradicional Escola Doméstica, um colégio só para mulheres.

A pele muito alva, os cabelos louros e os olhos azuis claros a destacavam pela aparência pouco comum na região. A face redonda e o sorriso pequeno e fácil davam à Gipse uma jovialidade que a acompanhou por quase toda a vida. Tinha também presença de espírito e carisma. A irmã mais velha, Marilene, recorda: “Era a filha preferida dos pais e irmãs. Nunca existiu ciúme diante daquele temperamento ímpar, positivo, que se preocupava de verdade com os outros. Lembro que ela doava bonecas que tinha com as crianças que não tinham brinquedo. E isso foi por toda a vida. Éramos cinco irmãs, muito unidas, tal como nos educou nossos pais”, recorda Marilene.

Na Escola Doméstica, a diretora Noilde Ramalho apreciava os modos da garota simples e delicada,

que encontrava muitas vezes dispersa do grupo de colegas a conversar naturalmente com a zeladora, o jardineiro. Era estudiosa, popular, à frente das colegas, resolvia tudo com simplicidade e praticidade, qualidades que fariam toda a diferença no futuro. Era conhecida como a “galega dos olhos azuis”. Saía-se bem nas oficinas da escola, que instruíam as moças também na costura e culinária. Ah, prendas úteis.

No baile de formatura do último ano da Escola Doméstica, conheceu o futuro marido, Antônio de Pádua Borges Montenegro. Ele, médico recém-formado, acabara de chegar do Recife, capital pernambucana. Junto com o amigo, o também médico Cleanto Wanderley, tinha ido à festa de formatura do 3º ano da ED. No momento em que as moças eram chamadas pelo nome para receberem o diploma, Antônio ouviu a diretora pronunciar: “Gipse Pacheco Pereira”. Achou o nome estranho e comentou com o amigo, que era noivo de Marilene, irmã da moça.

Antônio e Gipse foram apresentados na festa. Ele, com 27 anos, bastante tímido, e Gipse, 17, alegre e alto astral. Apaixonaram-se de imediato. Namoraram e, dois anos depois, noivaram. O casamento foi celebrado quatro anos depois, por Dom Nivaldo Monte, orientador espiritual de Gipse, que celebrou também o batizado e crisma de sua família. Os filhos vieram em seguida. Maria Magdalena (Mada), Maria

Elizabeth (Bebeta) e Cid Montenegro.

Gipse abdicara da continuidade dos estudos para o casamento e a maternidade. Após as crianças crescerem, ingressou na universidade. Formou-se em História pela UFRN, em 1974. Em seguida, passou no concurso para professora da Instituição. Depois, veio o mestrado, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo como orientador o primo Nilo Pereira. O apoio da mãe, Áurea, foi importante nessa fase, já que os pais de Gipse moravam em uma casa vizinha a da filha.

Nessa época, Gipse já era conhecida pelo bom gosto ao vestir-se e pentear-se. Os cabelos loiros, sempre elegantemente penteados, a pele



alva e os olhos azuis se destacavam pelas maquiagens dos cabeleiros badalados da época: Da Luz e Getúlio Soares. Passara a promover jantares e festas de bastante sucesso. Receber bem era a qualidade essencial. Gostava de surpreender os convidados com iguarias incomuns, despertando em todos um misto de sensações ímpares.

As festas e jantares tinham refinamento singular: guardanapos de linho, baixela com talheres de prata, cristais. A casa tinha três salões rebaixados, escadas, móveis de mármore branco Carrara, tudo decorado caprichosamente por Gipse e a querida amiga May Gurjão. Nada de pura ostentação, receber bem era trazer em cada detalhe visto e servido um toque de carinho. Convidados se sentiam especiais e compartilhavam com a anfitriã e familiares a felicidade do encontro e de festas memoráveis do colonismo social natalense. Gipse Pereira Montenegro foi a idealizadora desses eventos, que marcaram pelo bom gosto e refinamento.

A grande casa azul foi palco também de serestas que iam até o amanhecer, entre amigos, como os casais Paulo Bezerra e Zélia, Antônio Fonseca e Edna, Getúlio Sales e Ivonete, Kerginaldo Trigueiro e Giselda, embalados por músicas entoadas pela bela voz do doutor Montenegro, acompanhado de um violão, que cantava versos como “Que saudade da professorinha, que me ensinou o bê a bá, onde andarã Mariazinha, meu primeiro amor, onde andarã?”, da música Meus Tempos De Criança, de Ataulfo Alves, a favorita de Gipse.



Gipse e o marido Antônio Montenegro em festa ao lado da médica Giselda Trigueiro



Casal Montenegro oferece jantar ao médico Euricylides Zerbini, com cardápio impresso



Dona Noilde Ramalho e suas alunas da Escola Doméstica. Gipse na ponta, direita da foto, em 1953



Janeiro de 1957



Elegância em todos os momentos

Quebrou paradigmas

A socialite era presença constante nas colunas sociais de Jota Epifânio - ícone do columnismo social potiguar, que morreu em 1999. Dizia ele que Gipse lançava modas em Natal. Nas viagens frequentes ao Rio de Janeiro, onde vivia a irmã Marilene, comprava roupas, calçados e objetos de decoração. Também era uma referência de moda na cidade. Certa vez, para um casamento, trouxe elegante indumentária, que acompanhava chapéu de abas largas e sapato de salto alto. “Gipse, ninguém vai usar chapéu nesse casamento!”, alertou o amigo Jota Epifânio. “Vai usar sim. Eu!”, sorriu divertida.

Durante a festa, o salto do sapato de Gipse quebrou e ela não deixou de andar para lá e para cá,

sempre na ponta dos pés, a se divertir com os convidados, recordou a filha Bebeta. Nas viagens ao Rio, Gipse passeava com a irmã Marilene em Ipanema, Barra, Leblon, Lagoa Rodrigo de Freitas. Voltava para Natal com novidades. Certa vez, trouxe açúcar em tabletes, que fizeram um grande sucesso num “chá das cinco” promovido por ela. Em todos esses eventos, não esquecia de convidar as amigas dos tempos da Escola Doméstica e de Ceará-Mirim. Não media esforços para trazê-las e hospedá-las por perto.

Um grande sucesso foi a festa de 15 anos da primogênita, Magdalena. Gipse pensou em todos os detalhes e, prática como era, o que não encontrava em Natal,

comprava de fora. Segundo o relato da amiga Marlene da Silva Mariz, em texto para o blog da amiga Lúcia Helena Pereira, irmã de Gipse: “Era maravilhoso participar dos preparativos... Em tudo, ela encontrava sempre bons motivos para nos divertirmos. Àquela época, Natal ainda não tinha supermercados e alguns produtos eram de difícil aquisição. Ela não se aperreava, comprava em Recife, principalmente pernil de presunto que trazíamos em depósito de isopor. Parecíamos vendedoras de picolé”.

A festa foi um grande sucesso, como nunca se vira antes na cidade. A decoração impecável e o cardápio com iguarias deliciosas e refinadas surpreenderam a todos os convidados.



Na primeira Eucaristia ao lado da irmã Marilene



Aula de culinária na Escola Doméstica

Filantropia em segredo

Se as festas que promovia eram amplamente divulgadas, Gipse optava pela discrição em relação a um traço de sua espiritualidade. Regozijava-se com ações de ajuda ao próximo. Se ela soubesse que alguém necessitava de meios para trabalhar, alimentação, não hesitava em ajudar. Especialmente moradores de Mãe Luiza, bairro edificado em um morro, onde moram pessoas mais humildes, ao lado dos bairros considerados os mais nobres de Natal, Tirol e Petrópolis. Gipse sabia por meio dos empregados sobre pessoas que passavam por necessidades e mandava um “presente” para colaborar a solucionar o problema. A alegria dela era saber que aquilo iria fazer a diferença na vida do próximo.

Posteriormente, filhos e familiares de Gipse conheceram histórias de pessoas que receberam apoio da socialite em segredo. Doações de máquinas de costura, ferramentas e até compra de casas foram feitos por “dona Gipse”, como era chamada pelas pessoas mais simples. Anos depois, esses feitos vieram ao conhecimento: “Agora eu sei para onde ia o dinheiro de sua mãe”, brincava o marido.

A benevolência serviu

para aliviar a dor da família com a morte de Gipse, em 1980. Marilene gosta de lembrar do que presenciou no velório da irmã: “Vi quando um rapaz atônito, simples, largou a bicicleta no chão e não conteve a emoção ao se aproximar do corpo de Gipse. Me aproximei e me identifiquei como irmã dela. “Chorando, ele me contou que, quando menino, Gipse o viu tentar furtar a bicicleta do filho no terraço da casa azul. Ao sair com a bicicleta, ouviu a voz de Gipse, que sem gritar, apenas pediu: “Não faça isso, essa bicicleta é do meu filho”. O menino olhou para trás e Gipse teria dito: ‘Aprenda que roubar é horrível. Venha aqui amanhã’. No dia seguinte, ao entrar na casa, ele se deparou com uma bicicleta nova, tal como a que tentara furtar. E a partir desse momento ele decidiu parar de roubar. Passou a usar a bicicleta para trabalhar, com vendas. Grato pela atitude do anjo bom que o tratou de uma forma que nunca fora tratado antes”, recorda.

Muitos dessas ações a família só soube após a morte de Gipse. Mas ela usou a popularidade e a qualidade de excelente anfitriã para promover grandes eventos filantrópicos em prol



de instituições como o Hospital Infantil Varela Santiago, Liga Contra do Câncer e o Hospital dos Leprosos, entre outros. Fazia festas de moda no casarão azul, com venda de ingressos. A renda era revertida para instituições de caridade. Dom Nivaldo Monte disse na ocasião de sua morte: “Gipse, mulher notável, antes de ser elegante, bonita, culta e digna, era dotada de uma humildade franciscana”.

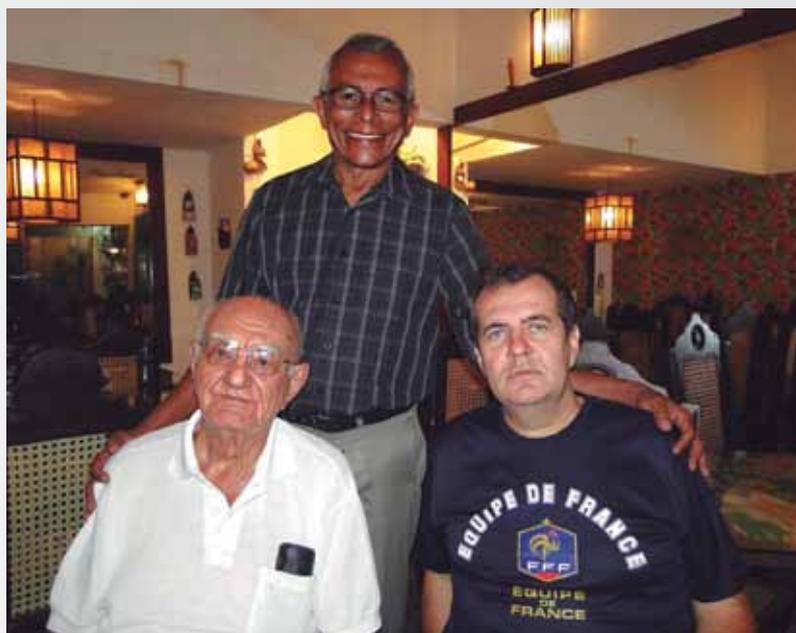
Bebeta, a filha do meio, lembra que a mãe promovia eventos como batismos, primeira eucaristia e casamentos comunitários. Também desfiles de moda que eram um grande acontecimento na cidade. “Eu e as filhas das amigas de Gipse desfilávamos as roupas de lojas famosas da época. Como era adolescente, lembro da minha mãe separando doativos, arroz, feijão, farinha, peças de roupas, em lotes para distribuição. Ela me levava com ela para os hospitais, para que eu a ajudasse. E eu ficava impressionada com a postura dela, forte e vibrante. Ela entregando alimentos para os portadores de hanseníase de uma forma tão bela, tratando-os com carinho, doação e respeito. Por mais que eu e meus irmãos tentemos, ajudemos ao próximo da forma como ela nos ensinou, sem alarde, sinto que não conseguimos chegar aos pés do que ela foi e fez”, discorre Bebeta.

Alberto, de coração

O irmão caçula de Gipse é Alberto Cícero. Filho do motorista Luiz e a secretária Marina, funcionários do casal Abel e Áurea. Nas idas da criança a Natal, ele logo virou o xodó da família. Abel e Áurea 'adotaram' o garoto, que passou a conviver com as duas famílias. Alberto Cícero é hoje dono de um bistrô conhecido na cidade, o Douce France, que possui dois ambientes que homenageiam a família adotiva: as salas Gipse e Áurea. "Essas duas mulheres marcaram a minha vida. Eu era uma criança e tive uma mãe chamada Áurea, amorosa, que me adotou e cuidou de mim. E Gipse era a irmã carinhosa e sensível, que se aproximava para conversar comigo e explicar, com todo o cuidado, que eu tinha duas famílias: a biológica e a do coração. Que eu era livre para escolher onde quisesse ficar, pois as duas famílias me amavam da mesma forma", relatou. Clientes que frequentam o bistrô ainda recordam a moça de pele muito branca levando nos braços um menino franzino, de pele escura, como um tesouro.



As filhas de Gipse, Bebete e Magdalena (in memoriam), com o tio Alberto Cícero



Antonio Montenegro com Alberto e o filho Cícero



Gipse comemora aniversário da filha Maria Madalena, em 1964

A luta contra o câncer

No esplendor dos 40 anos, Gipse participava de um congresso no Rio de Janeiro quando, ao levantar uma mala, percebeu o primeiro sinal da doença. Algo não estava bem com sua saúde, antes sem sintomas. Na capital carioca ela procurou um médico e fez exames. Mas o diagnóstico foi dado em Natal pela sua ginecologista, Socorro Santos. Gipse tinha um câncer no colo do útero. A notícia foi sentida como um golpe, mas Gipse reagiu de imediato. Falou à especialista: “Eu preciso de tempo. Tempo para preparar mamãe, Montenegro e os meus três filhos.” O pai, Abel, havia falecido em um acidente automobilístico dez anos antes.

A notícia aos filhos foi dada por Gipse e Montenegro. Bebeta acabara de completar 15 anos. “Nossa família estava muito feliz. Dois meses antes da notícia tínhamos comemorado os meus quinze anos. Os álbuns da festa chegaram e estávamos felizes a recordar aquele momento especial para toda jovem naquela época. Ficamos muito tristes. Mas mamãe foi uma guerreira, enfrentou com grande coragem, sem esconder, admitia ser portadora de uma grave doença”, conta Bebeta.



Em momentos gloriosos com o marido



Meses antes da descoberta da doença, comemorando os 15 anos da filha Bebete



“Galega dos olhos azuis”

Se atualmente, com os avanços da ciência, o câncer continua sendo uma doença que apavora, há trinta anos o prognóstico era quase uma sentença de morte. A “doença do C”, como costumava ser chamado o câncer, não amedrontou Gipse, que tratou de admitir e consolar os amigos e parentes que se chocaram com a notícia. “Sim, eu tenho câncer, mas irei tratar e tenho fé que serei curada”, repetia várias vezes às inúmeras visitas que recebia. Nessa fase, sobressaiu-se a simplicidade de encarar a vida, tal como ela é.

O tratamento da doença foi no Rio de Janeiro, com quimioterapia e radioterapia. A doença avançou e Gipse partiu no dia 29 de agosto de 1980, de mãos dadas com a mãe. Se estivesse viva, teria hoje 77 anos. Na despedida, Dom Nivaldo Monte confortou amigos e familiares citando a expressão de

Gipse diante da vida e da morte.

O arcebispo lembrou a carta que sua irmã Lucia Helena Escreveu: “Você é a filha mais especial, a irmã, a tia mais querida. A mais caridosa. Carismática. Se você que é você, tão especial, desde criança, boa e caridosa, e foi acometida por um câncer, qual o sentido?”. E a resposta de Gipse: “Em meio a tudo isso, não me canso de agradecer a Deus por ter sido a escolhida. Sei que Ele estará comigo em todos os momentos. Por isso, jamais vacilarei a minha fé. Ela me acompanhará até o fim...”.

Para Dom Nivaldo, o fim poderia ser a morte, poderia ser a cura, mas ela colocou nas mãos de Deus. O tempo inteiro uma fé inabalável. Ao dizer “não me canso de agradecer a Deus por ter sido a escolhida, é a escolhida entre as cinco filhas, de ter um câncer”, Gipse explicou na carta que sempre foi a mais for-

te e tinha a capacidade de encarar a doença e preparar a família.

“Falamos muito da beleza do casarão azul, mas, o mais importante foi o que a gente viveu lá dentro”, considera Bebete. “Poderia haver famílias felizes como a nossa, mas, mais do que a gente, ainda não encontrei. Como éramos felizes no nosso dia a dia. Como os meus pais eram bem casados, se amavam! Ele médico, ela professora. Eles trabalhavam, mas férias eram sagradas. Nas férias de julho íamos para fazenda Picada, do meu avô paterno, em Assú. As férias de dezembro, a família ia para Muriú (praia no litoral norte do RN). O que vivemos, o que Gipse deixou permanecem em nós e nas alegrias do dia a dia”, declara. Gipse Pereira Montenegro deu à vida esse tom. Passados 35 anos de sua morte, restam histórias e lembranças desses tempos que deixaram saudade.

A ARTE DE MOCÓ

Potiguar radicado nos Estados Unidos há mais de uma década, o artista plástico Mocó conquistou críticos americanos com um estilo de arte singular e referências nordestinas

Por Juliana Manzano



A versatilidade de seus trabalhos encantou críticos internacionais

RASMUSSEN SÁ XIMENES OU, simplesmente, Mocó. Ambos os nomes – seja o de registro ou o artístico – são tão originais quanto a história daquele que os carrega. Artista plástico natural de Currais Novos, o pintor potiguar mora nos Estados Unidos há 11 anos e conseguiu conquistar os rígidos críticos americanos com sua pintura singular. Para alguns, a arte produzida por Mocó se encaixa na classificação de naiff contemporâneo. Para outros, não há uma linha específica que defina o seu trabalho. Mas a certeza é que os quadros do artista expressam uma indecifrável

mistura de originalidade e identidade reproduzidas por cores vibrantes e muita luminosidade.

Quando criança, o pequeno Rasmussen era um simples “filho” do Seridó, mas hoje, já conhecido por Mocó, ele pode ser considerado como um “filho” do mundo. Na adolescência, saiu da sua saudosa Currais Novos para estudar em Natal e, depois de alguns anos, seguiu para Brasília, no Distrito Federal, onde viveu por cinco anos. Decidido a estudar gastronomia, mudou-se para São Francisco, na Califórnia, e chegou a trabalhar com vários

chefs renomados em diferentes restaurantes americanos.

No entanto, o gosto pela arte nunca o deixou. Ele conta que gostava de pintar, produzir cartoons e na época em que viveu em Brasília fez uma série de pinturas em aquarela para presentear os amigos. Já nos EUA, tentava mesclar o trabalho como cozinheiro com a pintura, que ainda tinha como um hobby.

Em São Francisco, começou a ter contato com as obras dos grandes mestres da pintura e decidiu virar sua vida de ponta-cabeça. Era a hora de assumir a grande paixão pela arte.

“Ver uma obra em uma revista, em um site não passa energia. Mas, o contato direto, aquela magia entre pintura e espectador, só se consegue captar ao vivo. Fiquei muito emocionado e decidi que eu tinha que fazer parte do mundo da arte. Então, comecei a pintar nos finais de semana, mas logo depois não conseguia fazer mais nada. Chegava atrasado no trabalho, dava mil desculpas, meus dias de folga eram pintando e toda a minha grana eu usava para comprar material. Virou uma doença, ou um TOC [Transtorno Obsessivo-Compulsivo], algo assim”, lembra o artista.

O convite para fazer sua primeira exposição não demorou muito e ele, que já assinava como Mocó, gostou da repercussão. “Rasmussen é um nome de origem nórdica, eu sou brasileiro e estava morando na Califórnia. Era muita coisa para explicar, então escolhi assinar como Mocó, que é um nome simples, curto e bem seridoense, pois remete a um animal bem característico do Seridó potiguar e que vive em condições semelhantes à minha naquela época, muito tempo escondido e depois aparece. E foi assim também que apareci como artista”, explica o artista.

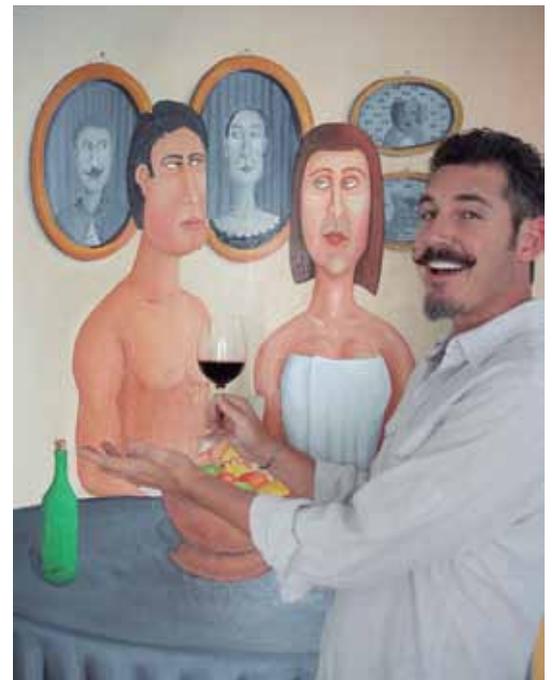
A exposição montada despertou curiosidade nos

americanos e também o desejo do artista de produzir cada vez mais. Ele conta que ao ter contato com obras de artistas renomados prestou atenção na qualidade que aqueles trabalhos representavam e quis reproduzir isso, mas da sua maneira. “A arte tem que ser trabalhada com plasticidade, tem que colocar energia, dar o máximo para ficar diferente, com seu estilo e encantar a quem vê. Como seridoense, acredito que captei e coloquei muita percepção de luz e cor em meus quadros, o que era bem diferente dos que os americanos estavam acostumados. Então, identificaram como um trabalho de muita identidade. E arte é isso, é diferenciação”, explica.

A arte de Mocó é, segundo ele, uma mistura entre o que ele viveu no Brasil e o que vive nos Estados Unidos. Alguns traços lembram os personagens de cordel, embora alguns “truques” como sombras os deixem mais diferentes. “Acho que os traços do Nordeste, em especial do Seridó, são mais revelados através das cores e da luminosidade, mas as paisagens são do exterior. Quando pinto uma natureza morta, por exemplo, reproduzo os móveis da minha casa com elementos de lembrança da infância”, conta.

“

Ver uma obra em uma revista, em um site não passa energia. Mas, o contato direto, aquela magia entre pintura e espectador, só se consegue captar ao vivo”.



Elementos cotidianos e clássicos compõem as pinturas



AMERICANOS ADMIRAM ARTE

Apesar de se considerar artista desde que se entende por gente, foi após ir morar nos Estados Unidos que o desejo de pintar profissionalmente surgiu. Para ele, o estilo de vida ao qual passou a viver fora do Brasil talvez tenha sido o principal fator para que o seridoense Rasmussen se tornasse o artista Mocó, aquele que conquistou a crítica americana. “Você é escolhido pela arte, não é você que escolhe a arte. Além disso, o estilo de vida dos dois paí-

ses é completamente diferente e o que vivo lá me possibilitou a dedicação à arte. Lá eu passo a maior parte do tempo me concentrando e estudando. Se aqui eu tivesse o mesmo estilo de vida também seria um artista, mas têm muitas ‘armadilhas’ para sair do foco”, diz, acrescentando que os americanos veem a arte com uma pitada a mais de encantamento e sensibilidade, diferentemente do Brasil, onde não costuma ser admirada pela massa da população.

“

Você é escolhido pela arte, não é você que escolhe a arte”.



Curraisnovense inova na arte com influências brasileiras e americanas



BRASIL É PRECONCEITUOSO COM ARTISTAS

Mesmo com o reconhecimento de críticos norte-americanos, o artista acredita que está no caminho certo, mas que ainda há uma longa caminhada a ser percorrida para chegar ao sucesso. “Zelo muito pelo meu projeto de vida, minhas pinturas são parte de mim, mas acho que o mercado é que dá o sucesso porque é ele que faz os trabalhos circularem. Na hora em que o artista vai para um hall que já tem outros importantes significa que ele está no time. É justamente isso que eu procuro. Acho que estou bem, mas sempre a gente quer mais”, considera.

No Brasil, segundo a visão de Mocó, ainda há muito preconceito para com os artistas, uma vez que vários estereótipos são alimentados para julgar aqueles que vivem da arte. No entanto, ele ressalta que para ser bom no ramo da arte é preciso muito estudo e dedicação. “Tem que ter segurança no que faz e ser ‘multitalentoso’. No meu caso, que sou pintor, eu também tenho que saber fotografar, vender, fazer site, filme, ser político e várias outras funções. Mas as pessoas nos julgam muito como se ser artista fosse uma penalidade. E isso desestimula”, assinala.

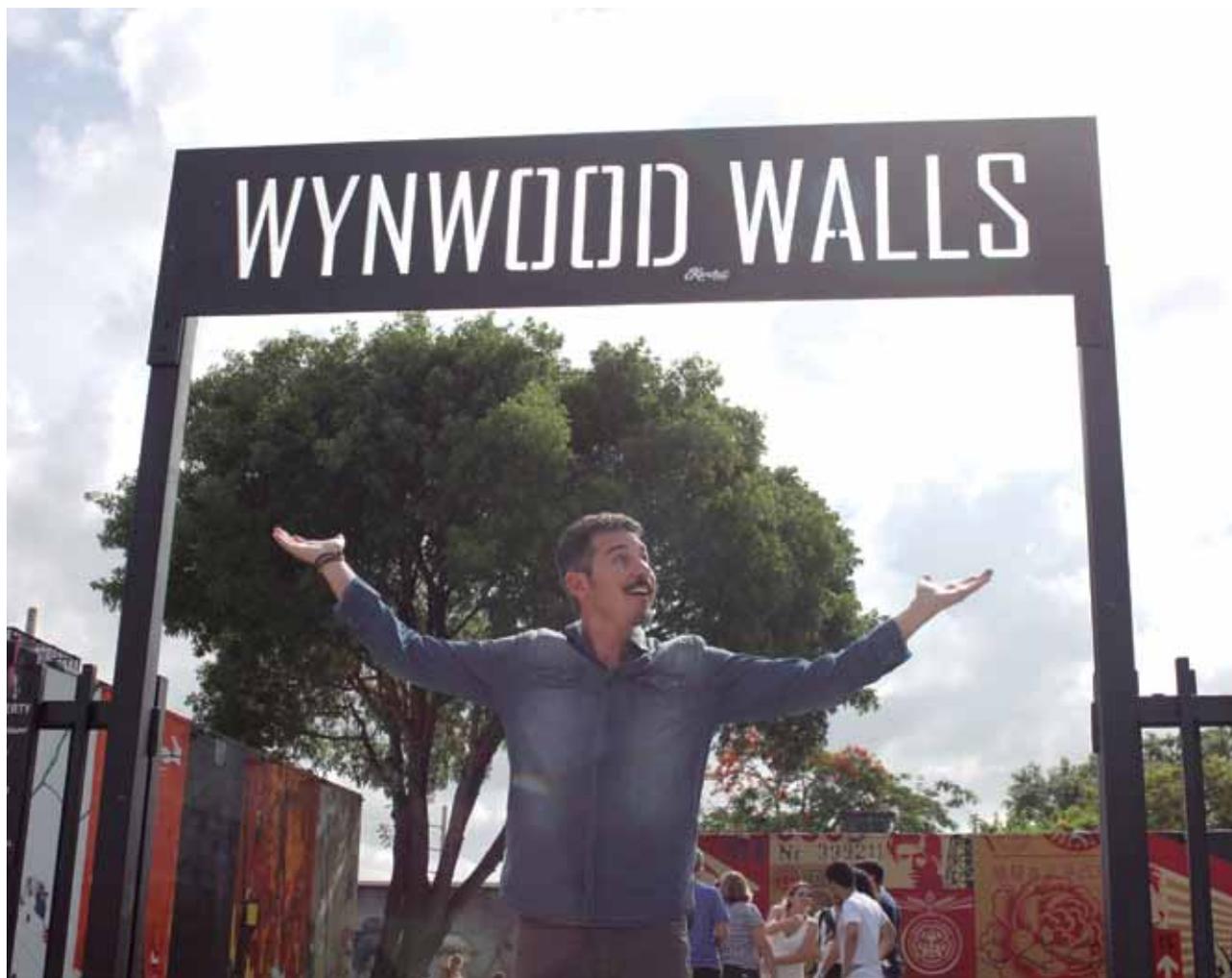
Já nos EUA, Mocó explica que os americanos costumam ser



“
A minha pintura
é sempre uma
crítica muito
forte”.

bem técnicos e, por isso, o seu estilo de pintar é identificado imediatamente como o de um artista latino-americano. “A minha pintura é sempre uma crítica muito forte. Coloco muita ironia, muito humor e é isso que a torna diferente. Então, acabei ficando conhecido pela irreverência. A arte é espontânea, não adianta apenas ter vontade de fazer, ela flui”.

Sem se preocupar em agradar a todos, ele também possui trabalhos que não são para vender. A foto de dois deles – nas quais os personagens se ‘comunicam’ como se fossem uma só – foi postada no seu perfil do Instagram (@mocogram) e chamou a atenção das duas maiores casas de leilões de arte contemporânea do mundo, a Sotheby’s Institute of Art e a Saatchi Art. “Embora trabalhe muito com encomenda, essa minha arte eu não fiz para agradar ninguém, mas acabou se tornando a minha obra prima porque foi elogiada por muitos críticos”, conta o artista, que realizou a última exposição em Natal durante o Agosto da Alegria, realizado em 2013.



Wyn Wood Walls promove um tour artístico com nomes contemporâneos de peso

MUDANÇA PARA MIAMI

Após 11 anos morando em São Francisco, Mocó decidiu mudar de vida e buscar novas oportunidades em Miami Beach. Há apenas seis meses em casa nova, ele já conseguiu montar a sua própria galeria, em parceria com outra galerista, uma amiga paulista. O espaço fica justamente em frente ao Wyn Wood Walls, o “lugar mais legal de arte de Miami”, define.

Com a galeria montada, a

ideia agora é expandir o trabalho para outros lugares dos Estados Unidos, em especial Nova York, mas também para o Brasil, no circuito Rio-São Paulo. No RN, seu estado de origem, o trabalho de Mocó já é conhecido. “Até por morar lá, os EUA são realmente meu foco, mas sou muito feliz em ter o reconhecimento do meu estado. Quando meus quadros vêm para cá são sempre bem comercializa-

dos e recebo muitas encomendas”, comemora.

Quando decidiu se mudar para Miami, Mocó fez uma coleção de santos com a intenção de comercializar por lá, mas não foi o que aconteceu. “Pensei que ia conquistar Miami com aqueles quadros, que ia ser o maior pintor latino de lá, mas quando cheguei, descobri que quase todo mundo era judeu”, conta rindo.

DE VOLTA AO RN

Durante um mês em visita ao Rio Grande do Norte, Mocó visitou amigos, familiares e matou as saudades de Currais Novos e de Natal. O objetivo da viagem era apenas passar as férias, mas a agenda mudou completamente e também mesclou com trabalho. Foram encontros com alunos que cursam graduação em Artes, com crianças de uma escola bilíngue da capital, algumas entrevistas e isso tudo, é claro, com algumas pinturas na bagagem. “Eu gosto tanto do que faço que eu mesmo acabei direcionando esta mudança de



Mocó compartilhou sua arte e conhecimentos com os potiguares

agenda, mas o que mais tenho prazer em fazer é mostrar meu trabalho. Então, passar este

período respirando os ares do meu RN me energizou bastante”, conclui o artista.

ROMERO BRITTO

Quando se fala em artista brasileiro que reside nos Estados Unidos, muita gente vincula a informação rapidamente ao pernambucano Romero Britto. Com um estilo alegre, colorido e até despojado, ele conseguiu imprimir sua identidade naquilo que faz e tornou o seu trabalho conhecido internacionalmente. No entanto, Britto é constantemente alvo de rejeição dos críticos. O estilo que foge totalmente do tra-

dicional e revela, em sua maioria, imagens ‘fofas’ virou uma marca muito fácil de ser encontrada e até pirateada.

Isso talvez explique porque alguns o consideram muito mais empresário do que artista. Mocó lembra que, mesmo sendo recusado pela crítica, Britto tem a sua importância para o segmento. “Ele foi muito importante para a arte brasileira e acho, inclusive, que muitas pessoas passaram a

olhar um pouco mais para a arte por causa dele. O Romero é um sucesso tremendo em algumas classes, principalmente as C e D. Mas ele não está em nenhum museu dos que visitei até hoje. A arte dele não é cobrada como arte porque é mais um objeto decorativo. Ele é um sucesso comercial, não há dúvidas quanto a isso, mas produz uma pintura sem substância, que os críticos não consideram como arte”, pondera Mocó.

NUM LUGAR ONDE O
DESENVOLVIMENTO AVANÇA,
A QUALIDADE DE VIDA
SOBRESSAI.



Parnamirim foi eleita uma das melhores cidades para se viver no país, segundo avaliação da AUSTIN RATING publicada no anuário AS MELHORES CIDADES DO BRASIL, da revista ISTO É. E isso não é apenas uma conquista, mas o resultado de grandes investimentos em todas as áreas, elevando a qualidade de vida do Parnamirinoense.

 **Parnamirim**
Crescendo com a gente.

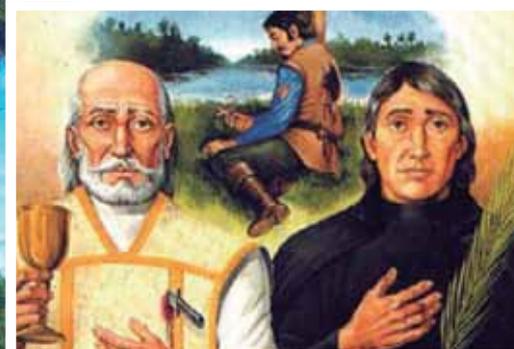
370 ANOS DO MORTICÍNIO

No ano de 1645, fiéis da Igreja Católica e celebrantes foram mortos por holandeses e índios no Rio Grande do Norte. Em plena missa, fecharam as portas da capela e mataram ferozmente. Com requinte de crueldade, arrancaram línguas, corações, deceparam braços, pernas e degolaram grande parte dos corpos

Por Louise Aguiar

Fotos: Reprodução e divulgação





Enquanto seu coração era arrancado pelas costas, o camponês Mateus Moreira disse: "Louvado seja o Santíssimo Sacramento". À esquerda, santuário em Uruaçu, São Gonçalo do Amarante

NO DOMINGO DO DIA 16 de julho de 1645, cerca de 40 pessoas assistiam a missa católica celebrada pelo padre André de Soveral na Capela de Nossa Senhora das Candeias, no primeiro engenho construído no Rio Grande do Norte, em Cunhaú, hoje município de Canguaretama. Pouco tempo após a elevação do Corpo e Sangue de Cristo, rito tradicional da missa, a capela é invadida e fechada por holandeses e índios, que promoveram um verdadeiro massacre contra os fiéis católicos presentes. Nascia assim a história dos Mártires de Cunhaú, que neste ano de 2015 completa 370 anos.

Embora haja muitas controvérsias em torno da história do morticínio, inclusive sobre quantas pessoas foram mortas – estima-se entre 40 e 60 -, o que se sabe oficialmente é que o Brasil vivia sob o domínio holandês, notadamente os estados de Rio Grande (depois, Rio Grande do Norte) e Pernambuco. O martírio de Cunhaú ocorreu no momento em que o vizinho Pernambuco começava o movimento para expulsar os holandeses, protestantes cal-

vinistas. A religião era um empecilho na relação entre os estrangeiros e os nativos.

Conforme o professor de história e pesquisador Luís Eduardo Suassuna, conhecido como Coquinho, os holandeses eram aliados dos índios Tapuias, enquanto os portugueses eram aliados dos Potiguares. Segundo conta, a partir do momento que o movimento para expulsar os holandeses em Pernambuco começa, os massacres ocorrem no Rio Grande do Norte. Além de Cunhaú, houve outros três – em Uruaçu (São Gonçalo do Amarante), Guarairas e Ferreiro Torto.

“O que se tem notícia é que os holandeses tinham proposto aos nativos brasileiros e portugueses a se passarem para o lado deles, negando a religião católica. Como eles se opuseram, ocorreram os massacres. Os fiéis morreram para testemunhar a fé católica”, diz o pesquisador. A estimativa é de que em cada um desses massacres, pelo menos estes quatro maiores, e mais documentados, tenham morrido entre 40 e 60 pessoas.



Capela de Nossa Senhora das Candeias

Cunhaú

Liderados por um judeu holandês chamado Jacó Rabi, os índios Tapuias e demais estrangeiros invadiram a Capela de Nossa Senhora das Candeias, em Cunhaú, e promoveram uma verdadeira carnificina contra os fiéis, inclusive o padre André de Soveral, que acabara de erguer o Corpo e Sangue de Cristo. Conta a história que os fiéis continuaram rezando enquanto o morticínio acontecia. Não se tem, até hoje, qualquer registro do massacre. Mas, segundo dom Jaime Vieira Rocha, arcebispo da Arquidiocese de Natal, até algumas décadas atrás a capela em Canguaretama ainda conservava marcas de sangue nas paredes.

Uruaçu

Três meses depois do massacre ocorrido em Cunhaú, a história registra mais um martírio: dessa vez os fiéis de Uruaçu, em São Gonçalo do Amarante, são mortos pelos holandeses. Situado à margem esquerda do Rio Potengi, o povoado é invadido pela tropa de holandeses e índios tapuias. O padre Ambrósio Francisco Ferro, líder da paróquia, e mais alguns fiéis, já haviam sido levados presos antes para o Forte dos Reis Magos.

De acordo com Coquinho, na manhã do dia 3 de outubro de 1645, os prisioneiros são retirados do Forte e levados de volta ao povoado. Ao chegarem lá, os holandeses mandam chamar o restante dos moradores, com a desculpa de que precisariam assinar alguns documentos. Quando os nativos chegaram, foram atacados pela tropa e mortos sem piedade. As cenas foram idênticas às registradas em Cunhaú, só que



Professor e historiador Coquinho

com muito mais crueldade. Línguas e corações foram arrancados, braços e pernas decepados e grande parte dos corpos foi degolada.

O camponês Mateus Moreira, que no ano 2000 foi beatificado pela Igreja Católica, teve o coração arrancado pelas costas, mas, antes de morrer, exclamou: “Louvado seja o santíssimo sacramento”. Segundo o professor Coquinho, o único docu-

mento que registra algo deste massacre é uma carta escrita por Pero Lopo Curado e enviada ao governador de Pernambuco, cerca de 20 dias depois.

“Na carta, ele detalha o massacre e conta que os holandeses abriram as costas dos homens para tirar seus corações, mas muitos deles morreram invocando o santíssimo sacramento”, relata o pesquisador. Na Catedral Metropolitana de Natal existe uma imagem de Mateus Moreira, beatificado pela Igreja no dia 5 de março de 2000.

Em São Gonçalo do Amarante, foi erguido o Santuário dos Mártires de Uruaçu, um monumento religioso localizado na comunidade rural de Uruaçu, em homenagem aos primeiros mártires brasileiros e padroeiros do Rio Grande do Norte. O espaço é aberto a turistas e religiosos. A cada mês de outubro são realizadas celebrações e festividades em homenagem aos Protomártires do Brasil (primeiros mártires do Brasil).



Monumento homenageia a beatificação dos padres André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro e o beato Mateus Moreira

Beatificação

Dom Jaime Vieira Rocha conta que o assunto dos mártires de Uruaçu e Cunhaú é tratado há muito tempo dentro da Igreja Católica. O tema foi abordado por muitos sacerdotes, inclusive o monsenhor Eymard Monteiro, um dos que mais gostavam de escrever. Segundo ele, o processo de estudar os massacres e pleitear a beatificação dos fiéis ganhou impulso na gestão de dom Alair Vilar Fernandes de Melo, arcebispo de Natal entre 1988 e 1993, e em seguida recebeu apoio de dom Heitor de Araújo Sales.

O processo foi desencadeado com a constituição de uma comissão e nomeação de um postulador para a causa dos mártires, que foi o monsenhor Francisco de Assis Pereira. A

partir daí começaram os estudos, as verificações, depoimentos e pesquisas históricas, até que se concluiu o processo e foi encaminhado ao Vaticano.

A batalha pela beatificação dos mártires de Uruaçu e Cunhaú teve um forte aliado, o cardeal Dom Eugênio Sales, então arcebispo do Rio de Janeiro, que tinha uma presença muito forte em Roma junto ao papa João Paulo II. “No dia 5 de março de 2000, fomos contemplados com a beatificação dos padres André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, o beato Mateus Moreira e seus companheiros que deram a vida pela fé”, pontua Dom Jaime. A partir da beatificação, ficaram conhecidos como Protomártires do Brasil.



O Arcebispo Metropolitano dom Jaime detalha a beatificação dos mártires



Pintura retrata ataque em Cunhaú



Outra versão

Segundo artigo publicado pelo historiador Francisco Schalkwijk, ex-missionário no Brasil e ministro da Igreja Reformada Holandesa, na revista *Ultimato*, a ordem para os massacres não partiu do governo holandês. Com mestrado no Calvin Theological Seminary (EUA) e doutorado em história na Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), Schalkwijk é autor do livro *Igreja e Estado no Brasil Holandês* (1986) e diz que, na verdade, o que ocorreu foi uma vingança por parte dos índios, ajudados por uma tribo indígena da Bahia, em reação às notícias que corriam sobre as crueldades dos portugueses.

O historiador descreve que entre os indígenas do extremo Nordeste existia um grande ódio contra os portugueses, devido às lembranças dos acontecimentos anteriores à chegada dos holandeses, considerados libertadores da opressão lusa.

“Assim, em 1637, depois de Maurício de Nassau conquistar o Ceará, os índios procuraram matar todos os portugueses da região, que foram protegidos pelos holandeses, por meio das armas. A mesma coisa aconteceu no Rio Grande do Norte, em 1645. Os tapuias sentiram que, com o início da revolta contra os holandeses, havia chegado a hora da verdade: eram eles ou

os portugueses. No dia 16 de julho, começaram por Cunhaú, massacrando as pessoas que estavam na capela e, posteriormente, numa luta armada, os restantes”, diz no artigo.

Na versão de Schalkwijk, o pastor Jacó Rabi não teria orientado a chacina, mas tinha sido enviado pelo governo para acalmar os ânimos dos nativos. Alguns meses depois do massacre, esse funcionário da Companhia das Índias Ocidentais foi morto por ordem do próprio governador da capitania do Rio Grande do Norte, Joris Garstman.

Para dom Jaime Vieira, essa versão da história em nada tira a intensidade do massacre que aconteceu, independente de quem o tenha liderado. “Para nós o que é mais importante é que a Igreja reconhece que aqueles pobres homens e mulheres, fiéis católicos, dentro da capela, com o padre celebrando, foram massacrados em nome da fé”, declara o arcebispo.

Homenagem

A Arquidiocese de Natal inaugurou, em 2009, a primeira basílica de Natal, no bairro de Nazaré, e batizou-a de Santuário dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, em homenagem aos fiéis mortos nos dois massacres. As obras começaram em 2006 e contaram com ajuda de emendas parlamentares dos deputados estaduais do Rio Grande do Norte.



O Transporte de Passageiros do Nordeste passa por aqui. Há 40 anos.

A Federação das Empresas de Transporte de Passageiros do Nordeste escreve sua história trabalhando, todos os dias, em defesa de um transporte público de qualidade, serviço essencial para melhoria da mobilidade nas cidades.

Representamos mais de 100 empresas que geram mais de 20 mil empregos diretos e transportam mais de 3 milhões de pessoas por dia, no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Ao chegar aos 40 anos de vida, renovamos nossa esperança no futuro e na vida que segue em frente. E a gente segue junto, transportando gente.



Inglês nas férias

Escolas de Verão na Inglaterra atraem
estudantes do mundo inteiro

Por Juliana Holanda – da Inglaterra

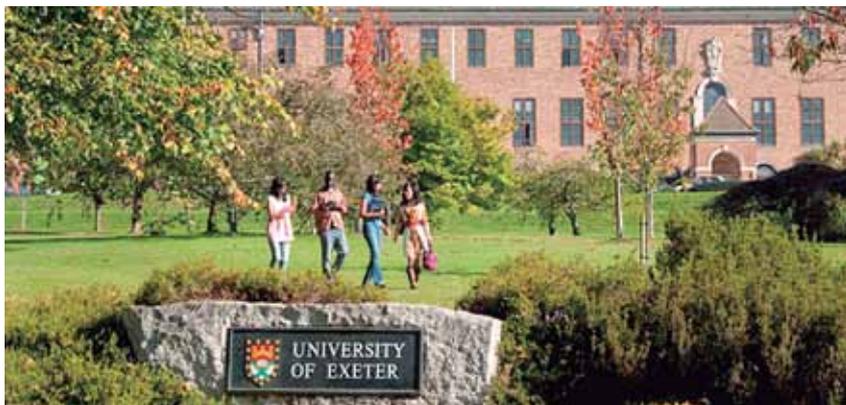




QUE TAL MORAR UM mês na Inglaterra, aprimorar o currículo acadêmico e profissional, conhecer pessoas de todo o mundo e melhorar o conhecimento de inglês? Essa é a combinação das Summer Schools (Escolas de Verão, em tradução literal) oferecidas pelas universidades inglesas durante os meses de julho e agosto, que correspondem ao período de verão na Europa.

As instituições de ensino da Inglaterra estão sempre presentes na lista das melhores do mundo e são responsáveis pela formação de grandes profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. Para se integrar ao mundo globalizado, as universidades inglesas estão oferecendo cursos de curta duração para se adaptar à agenda de estudantes internacionais, explica Lyndon McKevitt, coordenador da International Summer School da Universidade de Exeter, uma das dez melhores do Reino Unido.

A Universidade de Exeter é um exemplo de investimento na internacionalização. Reconhecida no Reino Unido como uma das melhores instituições de ensino, a Universidade começou a oferecer cursos de verão em 2010 para ampliar sua visibilidade mundo afora. Em julho de 2015, as turmas da escola de verão de Exeter atraíram alunos da África, Europa, Oceania, América e Ásia. “Hoje recebemos alunos de todo o mundo. É uma forma de ampliarmos nossas parcerias internacionais e de mostrarmos aos estudantes o que nós temos de melhor em termos de ensino e pesquisa”, diz Lyndon McKevitt.



Turmas de verão da Universidade de Exeter atraem alunos do mundo inteiro

Cursos

A Exeter possui um grande número de pesquisadores que colaboram com estudos internacionais sobre mudanças climáticas e meio ambiente. Este ano, a Universidade está oferecendo o curso Mudanças Climáticas Globais, dentro de sua programação na Escola de Verão.

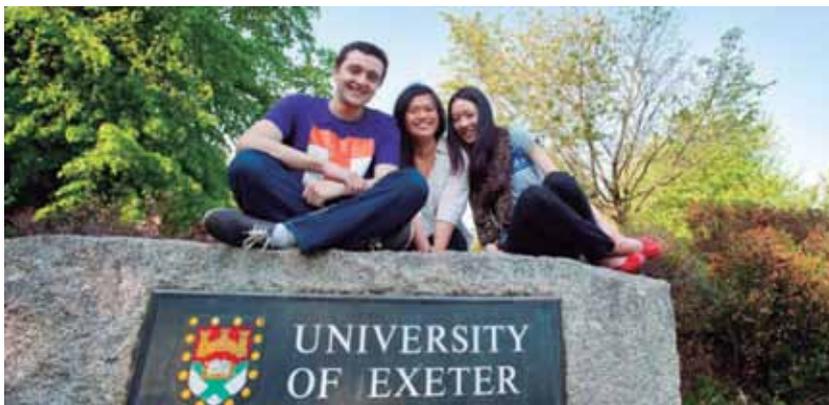
A oportunidade de estudar com especialistas reconhecidos internacionalmente atraiu a estudante Brenda Cavallini, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aluna do curso de Publicidade e Propaganda, a carioca acredita que o curso vai ser um diferencial em sua carreira. “Pretendo trabalhar na área de sustentabilidade e a oportunidade de fazer uma disciplina multidisciplinar em uma universidade internacionalmente conhecida vai me trazer muito benefícios”, avalia.

Os cursos de verão oferecem oportunidade de aperfeiçoamento em áreas diversas. Estudante de línguas e de literatura, a chinesa Scotoma Ho se matriculou em uma tur-

ma de verão para aprofundar seus estudos na obra do escritor William Shakespeare. “Amo literatura e estou achando fantástico poder analisar textos de um dos melhores escritores do mundo”, diz, encantada. Ho afirma que o nível das aulas é bastante alto e que isso a ajuda a estudar a língua inglesa. “No começo foi difícil acompanhar a turma, mas aos poucos notei melhoras no meu vocabulário”, comenta.

Algumas universidades aceitam as aulas das escolas de verão para contar como créditos em cursos de graduação. É o caso da estudante Jenny McTague, do Lake Forest College, que conseguiu unir sua viagem à Europa ao seu curso nos Estados Unidos. “Saber que eu poderia utilizar os créditos na minha faculdade foi decisivo para a minha escolha”, conta a jovem que queria viajar nas férias. “Esta é a minha primeira visita à Inglaterra e pretendo conhecer outros países na Europa depois que as aulas terminarem”, revela.





Alunos trocam experiências, conhecem novas culturas e aprendem inglês

Diversão

As Escolas de Verão são também uma oportunidade para os estudantes internacionais conhecerem a Inglaterra. A maioria das universidades oferece uma programação de lazer que inclui viagens pelo país e eventos sociais. “Como os alunos passam pouco tempo na Inglaterra, fazemos uma programação especial para que todos aproveitem a viagem o máximo possível sem precisar se preocupar. Enquanto eles estudam, nós organizamos tudo”, conta o coordenador do programa na Universidade de Exeter, Lyndon McKevitt.

Este ano, a escola de verão de Exeter promoveu idas a Londres, Bath e St. Ives. “São cidades incríveis. Foi muito bom termos tido a oportunidade de conhecê-las”, diz a chinesa Scotoma Ho. “Além disso, o valor das viagens já estava incluído nas taxas do curso, o que tornou os passeios mais baratos. Se eu tivesse pla-

nejado tudo isso sozinha teria gasto muito dinheiro”, avalia.

Há também dias livres para que os estudantes façam programações de acordo com seus interesses pessoais. “É o momento que os alunos têm para conhecer mais a cidade onde estão estudando, de comprar presentes para a família e até mesmo de descansar”, considera McKevitt.

As universidades ainda promovem eventos no próprio campus como forma de integrar os alunos. Para a estudante brasileira Brenda Cavallini, os momentos fora de sala de aula foram essenciais para conhecer novas pessoas e praticar o inglês. “Foram as semanas que mais utilizei o inglês. Nunca conseguiria melhorar tanto em tão pouco tempo se eu estivesse fazendo um curso de línguas no Brasil. De quebra, ainda conheci novas culturas”, declara.



Como participar

Para fazer um curso de verão em uma universidade inglesa é preciso participar de um processo seletivo. Normalmente, as instituições fazem análise de currículo e pedem comprovação de nível de inglês que varia de intermediário a avançado, para que os alunos consigam acompanhar as aulas.

É preciso estar com o passaporte em dia, mas para cursos com menos de seis meses de duração na Inglaterra, como é o caso das Escolas de Verão, os brasileiros não preci-

sam de visto. O valor do investimento gira em torno de 2.500 libras, incluindo as taxas do curso, a hospedagem com café da manhã e jantar, e as viagens organizadas pela universidade. Também é preciso contratar um seguro saúde internacional.

Em geral, é um processo simples. Basta escolher o curso, candidatar-se, aguardar a aceitação e arrumar as malas. “É uma experiência fantástica. Recomendo a todo mundo”, fala a estudante carioca Brenda Cavallini.





São Gonçalo do Amarante.

Plantando o futuro para as próximas gerações.

O trabalho da prefeitura de São Gonçalo do Amarante é real para os seus habitantes.

EDUCAÇÃO

As melhorias na educação em nosso município são uma realidade. Além da reforma e da construção de novas escolas, foi concluída a instalação do Instituto Federal com contrapartida do município no valor de 500 mil reais e parceria com o Governo Federal, uma importante obra que gerou mais empregos e oportunidades para a população. Os professores se encontram capacitados e os estudantes motivados com os aulas preparatórios para o Enem, IFRN e cursos técnicos. A Prefeitura também inaugurou uma creche no padrão do Ministério da Educação no conjunto Plaza Garden e outras quatro do mesmo modelo estão sendo construídas. Passou a ministrar cursos gratuitos de idiomas que já formaram 5 mil jovens e adultos, tudo isso com apoio integral para alunos e professores, está construindo a nova sede do Campus do Pólo Universitário Dr. Ruy Pereira, uma realidade que oferece cursos de graduação e pós-graduação, instalou 34 laboratórios de informática nas escolas, construiu novas quadras esportivas e oferece ensino em tempo integral em 37 unidades de ensino. Sem contar a merenda escolar de qualidade, fardamento, livros didáticos, transporte escolar e computadores doados para todos os professores. E com o desenvolvimento do Programa Clickidéias e a implantação das mesas interativas, as crianças estão aprendendo e brincando com o que há de mais moderno no mundo, uma importante ferramenta na busca por um futuro melhor.



São ações como estas que estão mudando para melhor a vida das pessoas. Ações realizadas no presente, plantando o futuro para as próximas gerações.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Mais Trabalho, Mais Desenvolvimento.



Romance sem fronteiras: Ana e Antón foram unidos pela internet

ANA E ANTÓN SE conheceram em 2003. Alguns meses depois estavam namorando. Foram cinco anos de namoro, até o casamento em 2009. Uma típica história de amor, com um pequeno detalhe: Ana morava no Brasil, Antón, na Espanha. O casal se conheceu no MSN Messenger, o antigo programa de bate-papo do Hotmail. Hoje casada e morando em Portugal, Ana diz que a internet foi o cupido da história.

O casal só se conheceu pessoalmente em 2004, quando a brasileira foi fazer um intercâmbio cultural em Salamanca, na Espanha. Em 2005, com o fim do intercâmbio, Ana voltou ao Brasil. “Continuamos com o nosso relacionamento à distância, falando quase que diariamente pela internet e telefone, até 2006,

quando Antón viajou para o Brasil para conhecer a minha família”, conta Ana. Durante o namoro, Antón esteve duas vezes no Brasil, e chegou a morar um ano e três meses no país.

Em 2009, a brasileira foi para Portugal, onde Antón morava. Lá, fez pós-graduação e conseguiu um emprego. Morando na Europa há seis anos, Ana se relaciona pela internet com a família e os amigos. “O mais difícil é administrar as saudades, mas para isso tenho a internet”, diz.

Os relacionamentos pela internet são cada vez mais comuns nos dias de hoje. “Toda tecnologia modifica nosso modo de agir e de pensar”, analisa Cleyton Leandro Galvão, professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

(IFPB). “Se pensarmos a explosão das redes sociais como uma introdução de uma nova tecnologia nas interações humanas, então o resultado não poderia ser diferente”, avalia o pesquisador.

Especialista em Filosofia da Mente, da Linguagem e da Informação, Cleyton Galvão explica que a internet também permite que pessoas tímidas falem a um grupo de milhares de receptores, algo que não aconteceria ao vivo. É o caso do estudante universitário M.P.S. de 22 anos, que se sente mais à vontade de conversar com os amigos que fez na internet do que com a família e com os colegas da cidade onde mora. “Sinto que sou mal compreendido pela família e sou tímido, então, me sinto mais à vontade para conversar sem ver o rosto das pessoas”, desabafa.



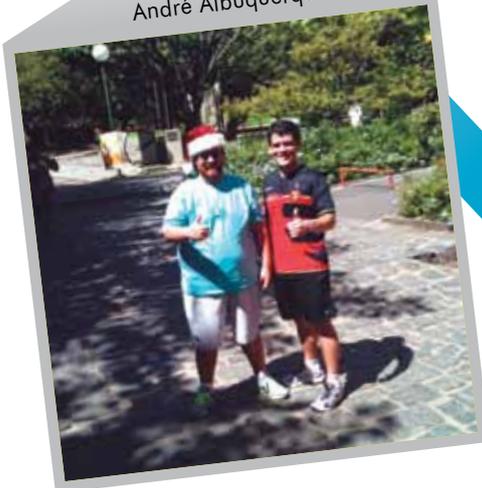
Designer de sobranças
Rute Santos



Advogada
Eleonora Duarte



ex-jornalista esportivo
André Albuquerque



Solidariedade

Foi com a ajuda de internautas que o jornalista pernambucano Marcus Andrey emagreceu 48 quilos, após criar a Dieta da Rede Social (DRS), em 2012. “Ao chegar aos 140 quilos, previ dois futuros iminentes: a minha morte, por complicações da obesidade mórbida, ou a cirurgia bariátrica. Graças ao meu medo de ir para a faca, potencializado pelo medo ainda maior de morrer, que eu tive uma epifania e inventei a Dieta da Rede Social”, explica.

A ideia era fazer uma mudança de hábitos, baseada na prática diária de uma atividade

física em boa companhia. “Uma noite, me veio a revelação: se eu chamar todo dia uma pessoa para caminhar comigo, nunca faltarei”. Andrey acredita que a internet foi essencial para o sucesso da dieta. “Com o Facebook e o blog Dieta da Rede Social consegui 400 voluntários para as minhas caminhadas no primeiro ano de projeto”, relembra.

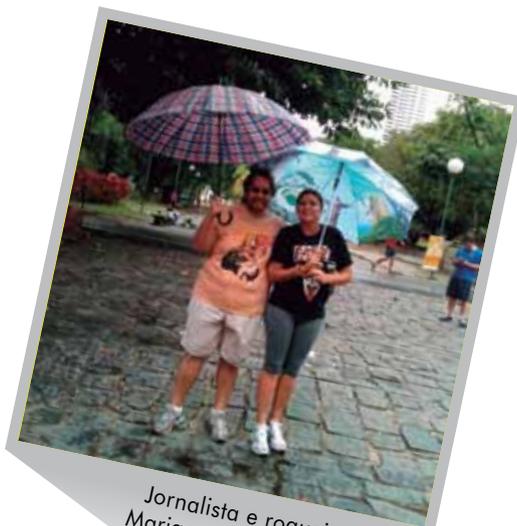
Já no primeiro ano da dieta, Andrey emagreceu 40 quilos. “Ter atingido minha meta, saindo dos três dígitos da balança, foi a realização de um sonho impossível”, comemora. “Ao conseguir emagrecer 40 quilos, eu me

senti renascido. Com ânimo para tudo, com a mente a todo vapor, sempre bem disposto”, festeja.

A entrevista para a Revista Bzzz marcou 960 dias de prática de atividades físicas do jornalista. “Adaptei minha rotina de exercícios da seguinte forma: toda manhã faço meia hora de ginástica funcional ou step, ao meio-dia volto na academia e faço o meu treino regular de musculação, e à noite pedalo cerca de 16 km. Essa é a rotina de segunda a sexta. Nos sábados e domingos eu só pedalo. Para compensar, procuro pedalar um pouquinho mais”, detalha.



Jornalista e mãe,
Luciana Veras e a
pequena Olívia



Jornalista e roqueira
Mariana Ribeiro Araújo



Jornalista
Ricardo Mello

Andrey diz que atualmente o Facebook e o Instagram têm sido canais abertos para os incentivos pós-treino, que também considera essenciais. Ele acredita que sem a internet não conseguiria fazer a dieta. “Quando tive a ideia da Dieta da Rede Social eu pensei que o sucesso viria pela mera queima calórica e que a presença dos voluntários serviria apenas para não me fazer faltar ao compromisso da caminhada. Porém, na prática, a DRS se revelou muito mais que um programa disciplinar para me manter em movimento: a presença diária de um voluntá-

rio mexeu também com minha cabeça, atuando com muita força na minha autoestima, pois todos os dias eu tive ao meu lado pessoas que renovavam meu ânimo, incentivavam, davam dicas e bons conselhos, escutavam minhas angústias, compartilhavam também as delas. Ou seja, o voluntário da vez acabava fazendo o papel de treinador, mas também de amigo, conselheiro, psicólogo etc. Combati a ansiedade e o medo de falhar com as relações sociais que fui construindo a cada dia”, avalia.

Em 2013, Marcus Andrey começou a fazer palestras moti-

vacionais para compartilhar sua jornada no combate ao sedentarismo e à obesidade. O novo desafio do jornalista é transformar a experiência em livro. Para isso, ele está contando mais uma vez com a ajuda da internet. Andrey criou um crowdfunding (www.kickante.com.br/dieta) para tentar realizar dois projetos: o livro e um aplicativo para smartphones que permita conectar pessoas para fazerem exercício juntas. “Quero, com isso, usar a internet para trazer os sedentários para o mundo real. Fazê-los saudáveis como eu me tornei”, fala o jornalista.



O Eu virtual não dorme

Trocar a noite pelo dia é algo que a professora Rejane Cavalcanti considera um estilo de vida. Em entrevista pelo Facebook, às duas e meia da manhã, a professora conta que já se acostumou com a rotina: quando as pessoas estão acordando, ela vai dormir. “Fico feliz quando vou dormir antes do dia clarear, porque sinto remorsos e depressão quando me deito com o dia já claro e durmo boa parte do dia”, afirma.

A professora explica que sempre dormiu tarde, mas a situação ficou pior com a internet. “Eu dormia por volta da meia-noite. Depois, cada vez mais fui alargando o tempo da madrugada que passava acordada. Com os reality shows, especialmente o Big Brother Brasil (BBB), ficava acompanhando o programa e conversando com as pessoas, nos chats dos

blogs que conversavam sobre BBB. Ainda hoje, na época de BBB, eu praticamente só durmo pela manhã”, relata.

Rejane tem dois perfis no Twitter: um para discutir reality shows e outro pessoal. “Conheço muitos expert em reality nas redes. Tem gente muito legal e muito cabeça, que faz avaliações maravilhosas do comportamento humano”, afirma. A professora diz que nunca conheceu pessoalmente os contatos virtuais. “Tenho amigos virtuais de mais de quatro anos, amigos do coração, mas que não conheço pessoalmente”.

Apesar de acostumada com a rotina um pouco diferente, a professora diz que o fato de a maior parte das pessoas terem vidas diurnas é algo que às vezes interfere em relações pessoais. “Já deixei de ir a muitas coisas porque eram de dia,

mas a minha família hoje compreende e não me cobra mais. Além disso, Geraldo, meu companheiro, super compreende e convive bem com isso”, diz. Mesmo reconhecendo que a internet é um vício, Rejane é categórica: “Não consigo nem imaginar não entrar na internet por alguns dias”.



Rejane conta que a internet mudou sua rotina

O perigo

Poder acessar a internet e as redes sociais em qualquer lugar do mundo e a qualquer momento do dia é uma possibilidade interessante. O problema é quando o virtual passa a ditar as regras da vida real. É o famoso tempo real, que pode gerar problemas de convivência e distúrbios, alerta o especialista no tema, Cleyton Galvão. “A noção do dia e noite se perde. Você pode acabar no paradoxo de estar conectado com os mais distantes e afastados dos mais próximos”, avalia.

Alex Ogle Afp/Getty Images



A geração y é a mais adepta a tecnologia que os conecta 24h por dia



VIAGENS com solidariedade

Aliar prazerosa viagem a situações diversas de voluntariado - como ajuda a pessoas em situações extremas, na reabilitação de animais ou na reconstrução da arquitetura mediterrânea - é o novo atrativo para conhecer o mundo

Por Andrea Luíza Tavares
Fotos: Reprodução e divulgação





VIAGENS PODEM SER oportunidades ideais para conhecer novos lugares, novas pessoas ou idiomas, e entrar em contato com diferentes culturas. E por que não aliar tudo isso à chance de realizar trabalhos voluntários e viver experiências inovadoras? Essa é a proposta do novo formato de viagens, chamado “voluntourism”, ou turismo voluntário.

A iniciativa consiste em oferecer trabalho voluntário para ajudar algum projeto social durante a viagem. Experiência que, na hora de um processo seletivo, torna qualquer currículo mais atraente e competitivo. Pode ser entendido como um turismo consciente, onde o turista realiza algo pelo lugar visitado, uma permuta de valores. Segundo a CI, uma das agências de intercâmbio que atuam no setor, a cada ano cresce 30% o interesse das pessoas por trabalho voluntário durante as férias. Do total, 75% são mulheres, e 60% têm entre 22 e 30 anos.

No entanto, é preciso tomar cuidado e buscar o máximo de informações sobre o trabalho que será realizado. Por isso, já existem algumas agências especializadas em intermediar a ONG com o voluntário.

O mochileiro André Fernandes, que optou por fugir dos roteiros tradicionais de intercâmbio, explica quais as experiências que podem ser adquiridas com o voluntariado. “Além da experiência nas atividades a ser exercidas, um intercâmbio voluntário é uma oportunidade de desenvolver competências pessoais, como empatia, humildade, trabalho em equipe, liderança, flexibilidade etc.”, conta. Ele decidiu viajar para mergulhar em uma cultura diferente e entender o contexto dos países onde esteve.

“Viajar vem ficando cada vez mais acessível e mais pessoas tendem a procurar diferentes experiências, algo que lhes proporcione um significado e lhes possibilite contribuir de alguma forma para uma causa que apoiam”, aconselha.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O turismo voluntário pode ser entendido, também, como um auxiliar na educação ambiental, baseada no respeito e na convivência com a natureza, o que torna as crianças mais sensíveis e aptas para a prática da não violência. Além disso, o ecoturismo se tornou excelente alternativa para os países em desenvolvimento que necessitam atrair capital estrangeiro, podendo auxiliar na assistência às populações locais e na criação de empregos. No oeste africano, por exemplo, caçadores são contratados como responsáveis pelos parques e guias de vida selvagem, pela experiência que possuem com os animais.



Oportunidade de ajudar animais selvagens em situações de risco a voltarem à natureza





Ações com crianças ajuda na recuperação e educação



NO BRASIL

O mercado do voluntourism no Brasil é emergente e ainda pouco explorado, mas tende a crescer, uma boa pedida para quem quer adquirir experiência antes de viajar ao exterior. No Rio de Janeiro, as belas paisagens emolduram a estadia dos voluntários. Quem deseja unir boa ação e aventuras pode recorrer à Ong Adaptsurf, uma associação sem fins lucrativos que promove a inclusão social das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, garantindo igualdade de oportunidades e acesso ao lazer, esporte e cultura, por meio do surf. Em Pernambuco, a iniciativa autônoma 'Ação Solidária Pernambuco' oferece a oportunidade de conhecer o interior do estado levando água e alimentos às cidades que sofrem com a seca.



Aproveitar as férias para ensinar línguas e esportes faz parte do turismo voluntário

PELO MUNDO

O voluntourism abrange, principalmente, destinos internacionais. Os mais comuns são Afeganistão, África do Sul, Gana, Índia, Indonésia e Tailândia. A chance única de trabalhar com a reabilitação de animais selvagens resgatados é um grande atrativo de outros países. Na África do Sul, o projeto 'Living With Big Cats' (vivendo com grandes felinos) oferece a oportunidade trabalhar para a recuperação de leões, tigres, guepardos, leopardos, elefantes, hipopótamos e aves.

Quem gosta de crianças pode aproveitar as férias para dar aulas de esportes, artes e matemática para alunos de ONGs do Nepal. O voluntário integra uma equipe que ministra aulas de inglês e workshops sobre direitos das mulheres. No Haiti, o grande terremoto de 2010, que devastou o país, agra-

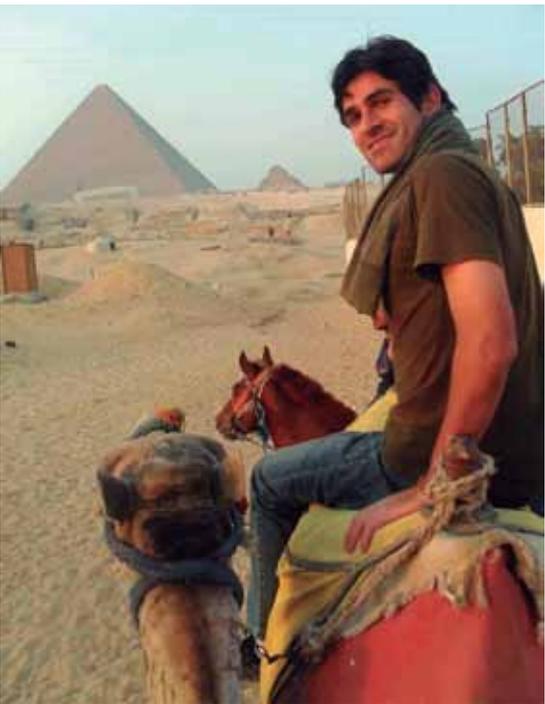


Voluntário recebendo carinho de leões resgatados

vou um dos principais problemas da população: crianças vivendo em condições extremas. Através de trabalho voluntário é possível ajudar na educação de crianças carentes de Port-au-Prince, onde existe uma série de ações humanitárias das Nações Unidas.

Ou mesmo ir para a França sem curtir o charme de Paris ou as belas praias da Côte

d'Azur também pode ser muito interessante. Avignon, um pedacinho francês localizado entre a Provença, Languedoc e o Vale do Rhône esbanja belíssimas paisagens de castelos medievais, planícies e vinhedos. Além de curtir esse cenário, você pode trabalhar para uma instituição local que preserva, restaura e reconstrói a arquitetura mediterrânea.



André Fernandes, mochileiro, conta experiências de viagens como Índia e Egito



FAÇA UMA BOA VIAGEM

A experiência de André Fernandes ressalta que a vontade de realizar o bem deve partir tanto do voluntário quanto do local que ele escolherá. “Há que se prestar atenção que há uma indústria e um sem-fim de cartéis por trás de muitos programas de voluntariado e organizações que se dizem negócios sociais e humanitárias, com a mera intenção de arrancar dinheiro de estrangeiros às custas de desgraças alheias”, alerta.

O processo de preparação para a viagem requer uma intensa preparação lógica, mental e financeira. Algumas agências oferecem o serviço de comunicação com projetos, o usuário irá pagar algumas taxas, passagens e gastos pessoais, e a agência torna o processo mais cômodo e seguro. Mas, nunca é demais buscar o máximo de informações sobre a viagem, para usufruir ao máximo a experiência. “Um intercâmbio voluntário sem cuidados prévios acaba terminando numa frustrante perda de tempo e dinheiro, que imagino que é o que ninguém almeja, certo?”, atenta o experiente viajante.

INVASÃO BEM-VINDA

Utilidade, praticidade e charme que não podem mais faltar nas cozinhas

Por Janaína Amaral



ESPÁTULAS, FORMAS DE BOLO, descansos de prato, luvas, formas de gelo, medidores, tudo de silicone. Não resta dúvida: eles invadiram nossa cozinha, trazendo cor, alegria, versatilidade, e o melhor de tudo: conservam por mais tempo nossas panelas, sem arranhões. As novidades são infinitas e vão de utensílio a sabonete que elimina o cheiro forte dos temperos.

Algumas pessoas ainda ficam na dúvida se é melhor usar colher de pau, de inox ou se render à funcionalidade de usar colheres, espátulas, luvas, pinças e forminhas de silicone. A principal dúvida na verdade é se elas suportam altas temperaturas e se a durabilidade é boa. Conversei com a chef e professora Ruteana Costa, do La Gastronomie. Além de tirar dúvidas, ensinou truques para que a gente possa continuar usando nossas tábuas de madeira na hora de servir.

Aderir ou não aderir aos utensílios de silicone? A chef garante que são ótimas opções e pode-se comprar sem medo. “Todos os produtos de silicone foram testados pelas indústrias. Eles não derretem. Inclusive as formas de bolo e de cupcake que são expostas a altas temperaturas nos fornos. Sem contar que são práticos, de fácil limpeza e levinhos”, explica.

A cozinha é a alma da casa, por isso, estão ficando cada vez mais apaixonantes. Se você está fazendo uma renovação na sua cozinha, que tal começar pelas espátulas e co-



Chef Ruteana Costa dá dicas de utensílios criativos no La Gastronomie Cursos

lheres? Têm pra todo gosto e bolso. Podem vir de diversas formas: toda de silicone, com cabo de madeira e a ponta de silicone; polipropileno com silicone, e totalmente de silicone. O importante é que não é preciso ter receio, pois não queimam e não derretem. São 100% confiáveis. As únicas não recomendáveis são as de cabo de acrílico. Não devem ir para o fogo porque quebram.

Mas, o que fazer com as colheres de inox e prata? Fácil. Devem ser usadas para servir. Ficam lindas por serem clássicas e charmosas. Já as tábuas de carne de madeira, tábuas para churrasco, colheres de pau, essas merecem cuidados especiais. “A madeira em geral não

permite boa higienização, acumula bactérias e resíduos. Então, quando for utilizar uma tábua de carne de madeira, deve-se envolver as tábuas em um papel filme. Já a colher de pau, esqueça, não existe truque”, detalha Ruteana.

Explica ainda que a melhor tábua de carne é a de plástico de polipropileno, pois basta deixar de molho com água sanitária que fica limpa outra vez. “Fica branquinha. As fissuras são normais, dos cortes das facas”.

Outra dica valiosa é sobre as tábuas de vidro. “São lindas e o preço é bom, mas elas cegam as facas. O melhor é usar somente para servir”.



Facas Coloridas

Além das inúmeras opções de espátulas, cada uma mais linda que a outra, as facas também vêm ganhando destaque. Nas prateleiras elas saltam aos olhos com kits e mais kits com cores vibrantes. A dica da chef é que ao se deparar com as faquinhas coloridas observem se é descrita como sendo de carbono. Caso sim, pode investir. Outra dica de facas são as de porcelana. “Elas são afiadas e ajudam bastante, principalmente se for fazer algo mais

preciso como fatiar um lombo. Cortam tudo e cortam mesmo. A durabilidade é enorme”, indica Ruteana. A desvantagem da faca de porcelana é que não tem como amolar e elas devem ser muito bem guardadas, pois qualquer quedinha, tchau.

Nossa chef alerta que se as facas não forem de carbono, nem de porcelana, esqueça. “São apenas facas de metal, são facas pintadas e a medida que for lavando, amolando, vão descascando e ficam feias”.



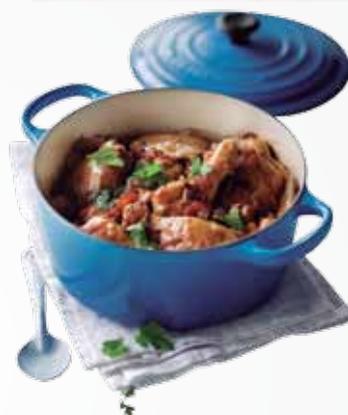


Ramekin

Talvez você não saiba, mas o nome desses potes pequenos é ramekin ou ramequin. O nome é francês e são bastante usados para fazer pequenas apresentações. Eles podem ser de cerâmica, ágata, porcelana, cobre, com tampa ou sem tampa, e são encontrados de várias formas e formatos - de frutas, coração, copo. Dão um charme a mais na hora de servir.

Dicas da chef: Não gosto de servir arroz em ramekin. A não ser que seja uma entrada. Um risoto, por exemplo.

Colocar um molho no ramekin por cima de prato branco de porcelana fica muito bonita a apresentação.



Tigela Agora é Bowl

Se você adora pesquisar receitas, vai perceber que nas mais atualizadas é comum encontrar a palavra bowl. “Hoje, a gente não bate mais um bolo numa tigela. Agora a gente bate o bolo num bowl”, explica Ruteana.

Existem vários tipos de bowl, de aço inoxidável, plástico, alumínio. Alguns vêm até com um antiderrapante para não escorregar. O termo é inglês e vem da palavra bola.



Panelas Coloridas

Cor alegra qualquer ambiente, mas com relação às panelas devemos ter um cuidado especial. Hoje as frigideiras e panelas também vêm ganhando destaque nas prateleiras. Mas, o que comprar?

Devemos ter em mente que nem tudo que é colorido é bom. Algumas panelas e frigideiras possuem apenas beleza, são feitas de alumínio com uma pequena camada de algum esmalte, pode ser um teflon ou outro antiaderente. “Para mim, a melhor panela será

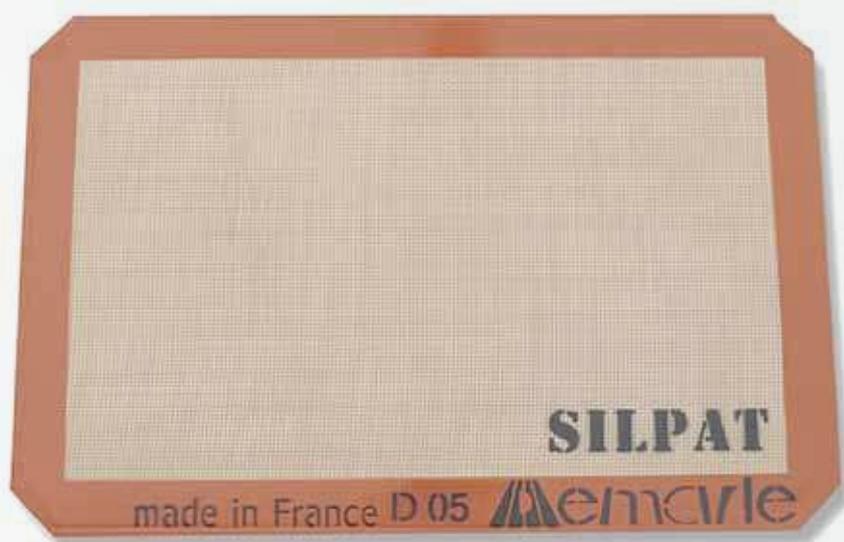
sempre a de parede espessa e a mais pesada. Ela vai conduzir melhor o calor. Eu, particularmente, não uso panela de aço inox, prefiro panela de teflon ou de porcelana. Além de tudo, consigo uma limpeza mais rápida que teríamos em outro tipo de panela”, destaca.

E as coloridinhas? “As coloridinhas eu gosto apenas para preparar pequenas coisas, como fazer uma redução de algum molho. Os revestimentos soltam rápido”, diz.



Silpat

Os tapetes culinários de silicone não são novidades, existem desde a década de 60 e foram criados pelos americanos. Silpat é uma marca que se tornou o nome comum desse utensílio culinário. Antes, apenas os chefs usavam, mas, com o crescimento do interesse das pessoas pela gastronomia, ele aos poucos vem se tornando objeto de desejo pelos aprendizes culinários. Mas, o que danado é Silpat? Substitui toda forma que vai ao forno com pães, pizza e preparações que não levam óleo. O melhor: não gruda o alimento. “Em São Paulo é fácil de achar nas lojas especializadas. Quem não mora em São Paulo pode adquirir pela internet”, sugere a chef Ruteana.



Sabonete Do Chef

Todos sabemos que alimentos frescos e ralados na hora dão um gostinho a mais no sabor. Mas, ninguém merece ralar uma cebola, pois, por mais que a gente lave a mão, o cheiro forte permanece. Nossas mães e avós nos passaram segredinhos como passar limão ou pó de café para o cheiro for-

te sair. A novidade nesse quesito é o sabonete Savon du Chef de Cuisine, da linha Mahogany. Basta lavar com uma gotinha e o cheiro forte é eliminado, seja de cebola, peixe, temperos em geral. Para quem mora no Nordeste, que não dispensa um caranguejo, é só usar o sabonete do chef que o odor é eliminado.



 Ritualisdaboaimesa. Acesse também o blog Ritualis da Boa Mesa, no www.portaldaboaimesa.com.br



Renda-se

Elas já foram consideradas símbolo da opressão machista, ignoradas debaixo das roupas e sinônimo de vulgaridade, mas, como o tempo passa e os conceitos mudam, hoje as lingerie são consideradas objeto de desejo feminino, deixaram o segundo plano e passaram a liderar o mercado consumidor fashion

Por Larissa Soares

Fotos: Divulgação



Lingerie para todas

FOI-SE O TEMPO EM que elas tinham o papel meramente utilitário. Ao contrário, se usadas de forma correta podem até mesmo se tornar peças-chave de um look. Além das mudanças no contexto social, a indústria da moda passou a se preocupar em produzir peças que atendessem às necessidades femininas, incluindo conforto, estilo, modelagens, faixa etária etc.

Num passado não muito distante era difícil achar até mesmo um simples sutiã tamanho

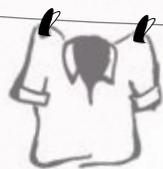
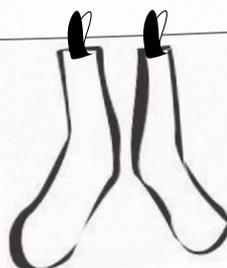
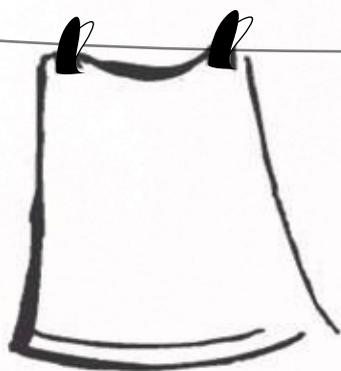
48 com bojo estruturado, quiçá uma peça de renda em tamanhos maiores. Nos últimos anos o mercado de roupas íntimas cresceu consideravelmente tanto na qualidade quanto na variedade. Hoje existem peças para todos os gostos, padrões, estilos e preços.

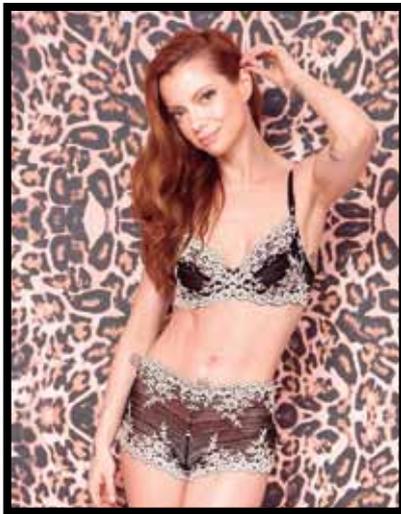
As lingers passaram, então, de símbolos de opressão a itens de luxo para as novas, maduras, magrinhas, gordinhas, esguias, curvilíneas, ousadas, discretas, enfim, para todos os tipos de mulheres.



Não há mais desculpas, moçoilas, para a mesmice do bege! Basta encontrar o seu estilo e investir na peça certa. Para as simpatizantes do estilo vintage, é na Janiero (www.janiero.com.br) que provavelmente elas irão encontrar. Já para aquelas que não abrem mão do estilo femme fatale, a La Rouge Belle (www.larouge-belle.com.br) certamente irá agradar. Já para as que não dispensam um rendinha, no melhor estilo “sexy sem ser vulgar”, não deixem de

conferir a Lutécia Lingerie (www.lutecielingerie.com.br). Para as mulheres maduras e curvilíneas que procuram além da sensualidade, peças que ofereçam conforto e sustentação, a tradicional Valisère (www.valisere.com.br) é uma ótima opção. Já para aquelas que amam uma novidade, a Lougerie (www.lougerie.com.br) é visita obrigatória. Uma dica imperdível é a Outlet Lingerie (@outletlingerie_natal), franquia que reúne várias marcas com precinho amigo!





Feita a escolha das peças-desejo, é hora de entrar na onda do estilo boudoir. Lembrando que a sutileza é fundamental para o look não ficar apelativo demais, as peças precisam estar em dia, nada de alças puídas, nem rendas desgastadas, ok?

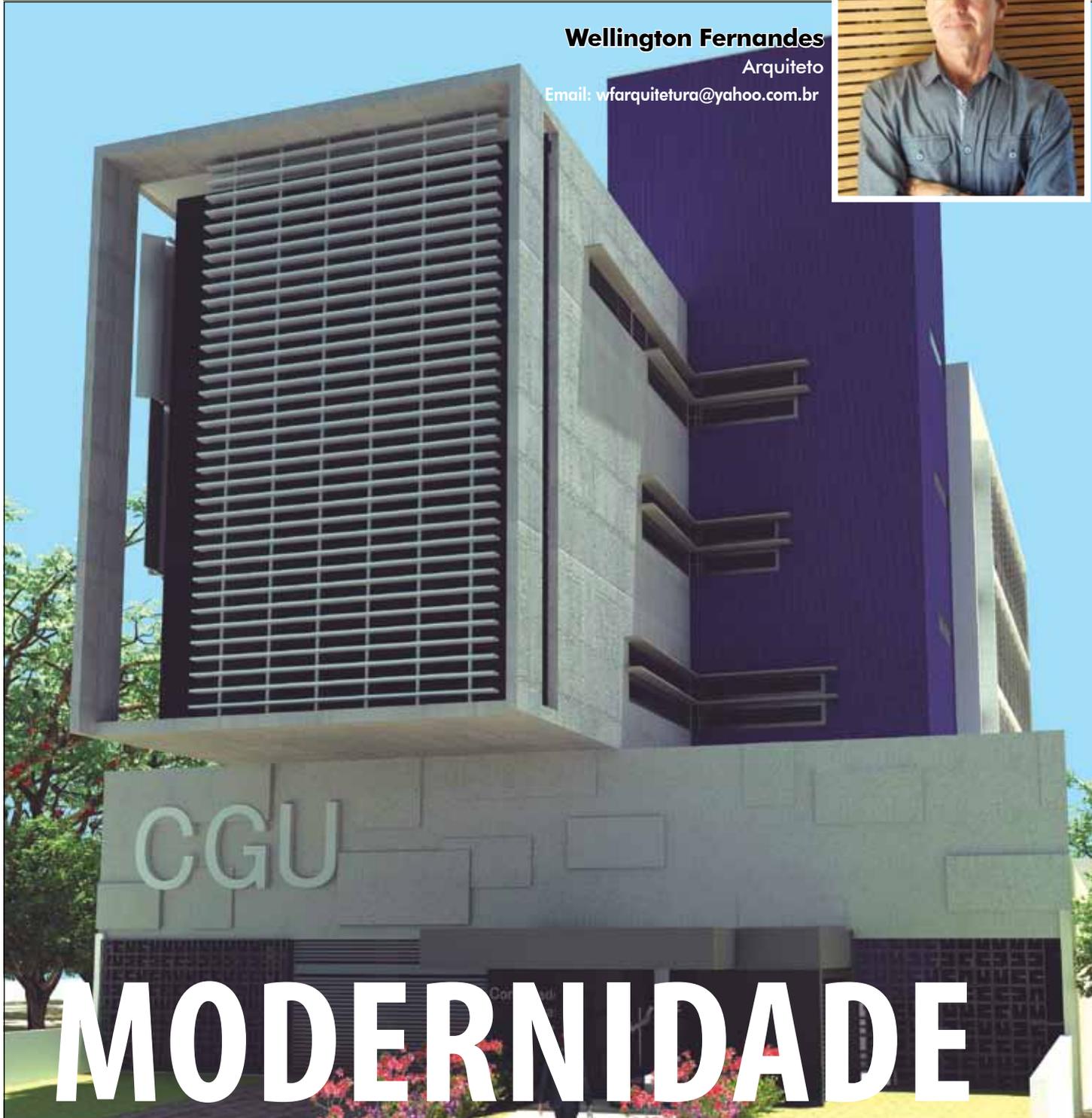
Um top preto de renda pode dar uma levantada no look basiquinho jeans + camiseta. Corselets e bodys funcionam muito bem por baixo de camisas de seda estrategicamente abertas ou blazers oversized. Camisolas ou as antigas “combinações” de renda dão um toque sensual por baixo de vestidos.

Ah, uma ressalva importantíssima: calcinhas, por mais lindas que sejam, NUNCA devem aparecer, ok??





Wellington Fernandes
Arquiteto
Email: wfarquitura@yahoo.com.br



MODERNIDADE COM PRESERVAÇÃO



O PROJETO PARA O novo edifício da Controladoria Geral da República - CGU será uma das novas atrações da Av. Hermes da Fonseca, que se renova a cada instante. A edificação, atualmente em construção, procura no seu entorno, ainda bastante horizontalizado, a possibilidade de visualização das dunas, de forma que interaja com a singularidade do lugar. Isso inclui o cuidado com as fachadas consideradas “dos Fundos”, que serão igualmente vistas a partir do seu entorno.

Outro ponto de partida foi a decisão de manter o podium que abriga estacionamentos e serviços no mesmo limite de implantação da residência anteriormente existente. Esse recuo generoso atenua a tensão entre a edificação e a movimentada avenida. Sobre o podium, um prisma-container se projeta a dois pavimentos de altura sobre o recuo verde. Algumas estratégias estruturais foram utilizadas para provocar a sensação de que este volume flutua sobre a base.

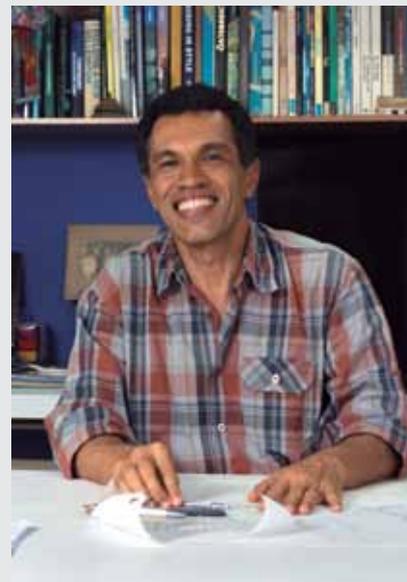
Os três pavimentos do prisma que abrigam os espaços de trabalho foram tratados com escavações e recortes que absorvem os quebra-sóis que protegem todas as aberturas da insolação direta. “Retomamos aqui o “Roteiro para Construir no Nordeste”, a necessidade incontornável da sombra e ventilação hoje transformadas em requisitos indispensáveis para a obtenção da etiquetagem de eficiência energética que o projeto antecipa, embora seja anterior a obrigatoriedade da etiquetagem”, explica o arquiteto Nilberto Gomes, responsável pelo projeto.

Os outros requisitos para obtenção da etiqueta são o revestimento claro do envelope, o sistema de iluminação e de condicionamento de ar, o uso intenso da iluminação natural permitido pelas grandes aberturas para garantir a eficiência energética e dar qualidade arquitetônica à edificação. O projeto foi desenvolvido conjuntamente com a arquiteta Manu Albuquerque.

NILBERTO GOMES

O arquiteto Nilberto Gomes estudou em Brasília (DF), em Goiânia (GO), formou-se na UFRN, foi para Paris e participou dos Grandes Projetos franceses, entre os quais o da Biblioteca Nacional da França e do Estádio da França.

Trabalhou com os mais renomados arquitetos franceses. Neste percurso, não se contentou apenas com os projetos de Arquitetura e Urbanismo. Quando solicitado, atua na criação de objetos e desenho gráfico. Já lecionou e participa ativamente das discussões sobre a cidade de Natal, propondo soluções e alternativas para seus entraves. Atualmente é arquiteto da UFRN e responsável por alguns dos grandes projetos da Instituição, destacando-se o futuro Centro de Convenções. É com frequência definido pelos amigos como “Criador”.



PODER

Fotos: Paulo Lima - de Brasília

O restaurante Dalí Camões, de culinárias portuguesa e catalã, na capital federal, foi o escolhido para o almoço de celebração do aniversário do embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, em Brasília.



Embaixadora dos Estados Unidos, Liliane Ayalde, o aniversariante Paulo Tarso, José Carlos Netto e Celso Kaufmann



Verônica Salinas e Ruy Coutinho



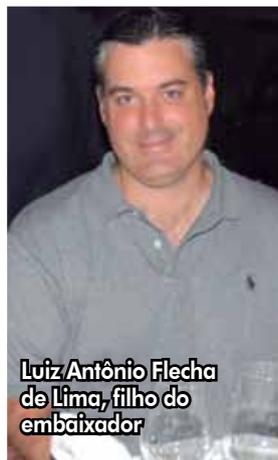
Sentados: deputado Heráclito Fortes e o aniversariante. Em pé: Pedro Rogério, Guilherme e Estênio Campelo



Carlos Bracher, embaixadora Liliane Ayalde e Heitor Reis



Natividade e Manuel Pires



Luiz Antônio Flecha de Lima, filho do embaixador



Paulo Fayad



José Geraldo Piquet Carneiro

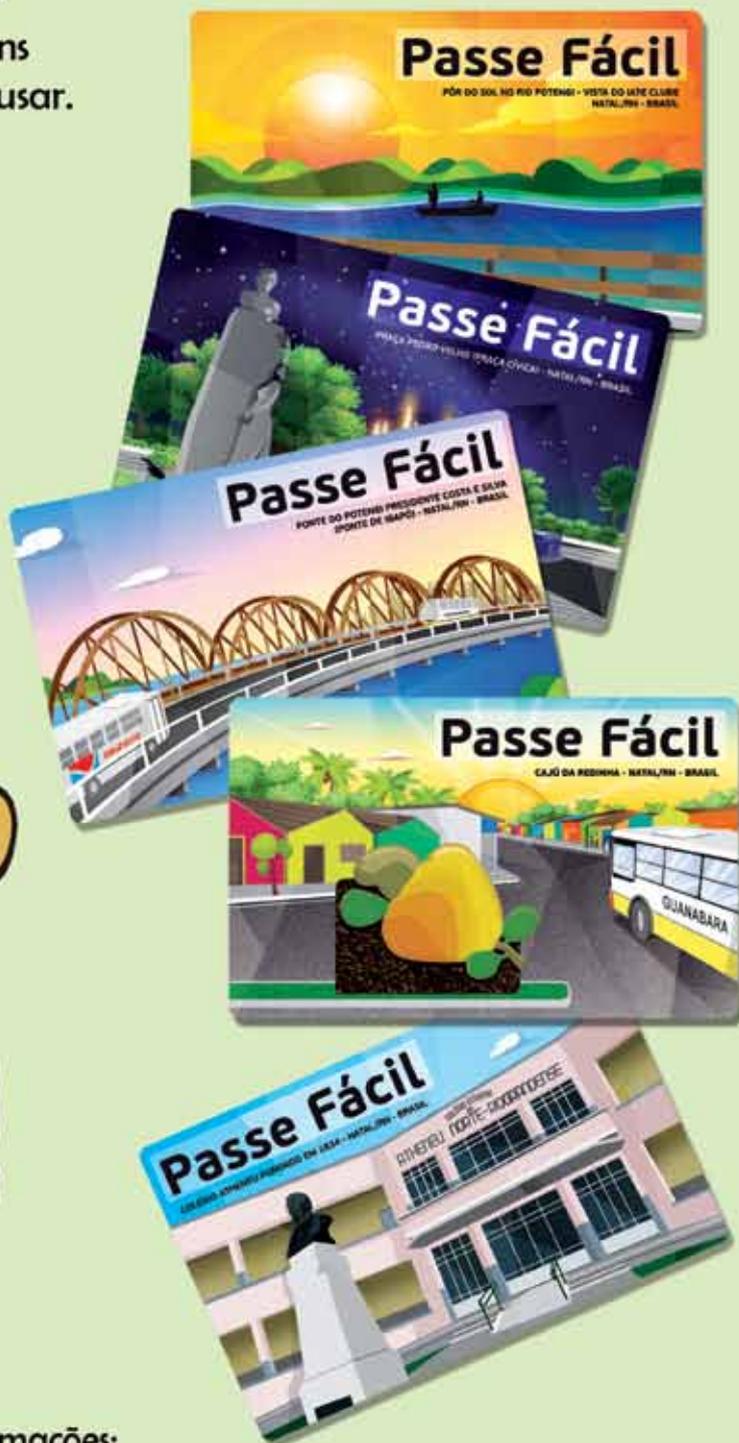
Novos modelos de cartões

Um deles foi feito para você!

É um cartão recarregável com passagens eletrônicas, que qualquer pessoa pode usar.

Evite andar com dinheiro.

Com este cartão você pode recarregar em mais de 100 estabelecimentos e ainda possui o benefício da integração.



Informações:

84 3216.8450
www.natalcard.com.br

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



TANINOS DO VELHO CHICO



O sertão produz vinho, sim senhor. O Vale do São Francisco já reúne oito vinícolas onde os estados da Bahia e de Pernambuco se encontram. Em plena caatinga, a região já é a segunda maior produtora de tintos, espumantes e sucos naturais de uva do Brasil e atrai um número cada vez maior de enófilos visitantes.

As visitas às vinícolas permitem o caminhar por todo o processo

produtivo, sendo possível também a degustação direto da fonte. Uma oportunidade para se familiarizar com a produção nacional das castas Malbec, Cabernet Sauvignon e Merlot. O tour ainda inclui um passeio de catamarã pelo rio São Francisco, com direito a muito vinho a bordo, é claro.

No topo

De acordo com o site TripAdvisor, os hotéis mais bem-conceituados atualmente em Natal são, na opinião dos visitantes, o Majestic e o Manary. Na Praia da Pipa, a Oka da Mata e a Toca da Coruja têm a preferência dos turistas. Já em São Miguel do Gostoso, as pousadas Chica Pitanga e Ilha do Vento lideram o ranking virtual.

Queijo suíço

Por falar na Praia da Pipa, um dos cartões postais mais famosos do Rio Grande do Norte está com o seu principal acesso bastante comprometido. É lastimável o estado da RN-003, entre os municípios de Goianinha e Tibau do Sul. Buracos que se assemelham a falésias e fazem da estrada um campo minado.



Dia de ostra

A partir do mês de agosto, as unidades de Lagoa Nova e de Ponta Negra do Takami vão oferecer, todas as quartas-feiras, ostras ao natural e gourmets, temperadas com molho agridoce e azeite trufado. Na Choperia Petrópolis, localizada naquele bairro, a iguaria é a razão para as calçadas sempre cheias nas terças-feiras.



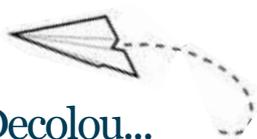
Inshalá!

Em Ponta Negra, a culinária árabe tem dois endereços cada vez mais concorridos. No Rachid's, as receitas caseiras libanesas fidelizam clientes in loco ou via delivery. Não tão distante de lá, o Lebanese Comptoir tem ambiente temático, parte da imersão que se completa com o falafel e o kibe cru.



Inverno poti

Em dias de temperaturas amenas, a Serra de São Bento se torna destino de potiguares. Lá no alto, sob a Pedra do Sapo, a Pousada Villas da Serra possui um bar no qual é servido, em dias específicos, drinks e pratos especiais. Nesse lugar único, as velas são a fonte de iluminação, dando um tom romântico ao local. A pousada conta com nove chalés.



Decolou...

Assim como Fortaleza, Natal também vai ganhar um voo semanal direto para Cabo Verde, na África. A primeira decolagem para Praia, sua capital, deve acontecer em outubro.



Aterrissou...

A suspensão dos voos diretos entre Natal e o Rio de Janeiro pela companhia TAM representam um grande retrocesso. As paradas em Recife, São Paulo e Brasília agora são obrigatórias.

HOLOFOTES

Fotos: Paulo Lima - de Brasília

Mulheres chiquinhas e perfumadas também escolheram o ótimo restaurante Dalí Camões para celebrar a amiga-baronesa Lucinha Itapary. No comando dos festejos, as elegantes Marisa Junqueira, Rita Ballock e Benigna Venâncio. Querida por muitos amigos, a baronesa tem na agenda mais homenagens em outras cidades do Brasil.



Rita Ballock, Lúcia Itapary, Benigna Venâncio e Marisa Junqueira



Márcia Lima, Cleucy Oliveira, Consuelo Badra e Iracema Torres



Matê Alencar, Ana Paula Freddy, Cláudia Galdina e Lúcia Alasmar



Elizabet Campos, Jacira Abrantes e Rita Márcia Machado



Amador Outorelo, Mônica Cruz e Carmen Bocorny



Flávia Landim, Carlinho Beauty e Fernanda Caixeta



Irene Maia, Divanda Pereira e Aurinete Leite



Lourdinha Fernandes, Nazareth Tunholi e Meireluce Fernandes



Clotilde Chaparro, Maria Olímpia Gardino e Cleria Klin



Heloísa Hargreaves (com a edição da Bzzz de junho), Irene Borges e Lia Dinorah

RECORDAR É VIVER

Fotos: João Neto

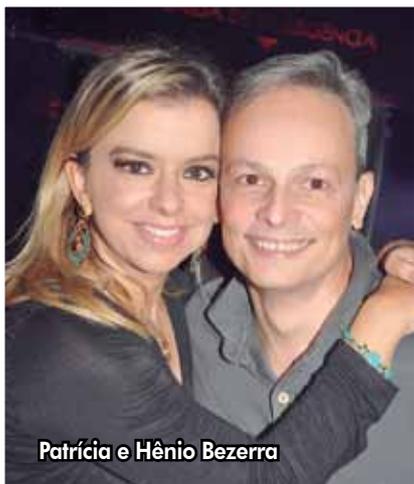
Os amigos Eliana Lima e Getúlio Soares pilotaram mais uma festa Dance.com, na Pink Elephant Natal. Dessa vez para relembrar os bons tempos da boate La Prision, que ficava no Centro de Turismo e marcou época da sociedade natalense. Noite que reuniu o old e o new jet da cidade, ao som da Banda Café interpretando Beatles e dos DJs Solón Silvestre e Lobo Mau.



Eliana Lima recebe o estrelado estilista Geová Rodrigues



Getúlio Soares recebe Soraia e José Rosendo



Patrícia e Hênio Bezerra



Isabelle e Augusto Azevedo



Cristiana Canidio e Fabian Vargas



Cynthia Chaves e Tacisio Barros



Os donos da casa: Rosa e Sérgio Lobo



Renata Teles e Ricardo Bittencourt



Juliska Azevedo e Pedro Costa



Alessandro Menezes e Georgia Nery



Sheilla Sales e Mário Barreto



Tatiana Bulhões e Alexandre Macedo



Alexandre Dias, Andressa Melo



No camarote, Márcia Dantas e Luís Varella Neto



Ana Thereza e Eider Lima



Henrique Muniz e Renata Passos



Rossana Fonseca e Ricardo Coelho



Tânia Patrícia e José Anchienta Jr.

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Arquivos da Família

SIMPLESMENTE LUCINHA

No dia 22 de março de 2007, Maria Lúcia Santos Simas foi surpreendida com uma grande festa para celebrar seus 60 anos. A família planejou tudo em segredo, pois a aniversariante é avessa a badalação. O cenário foi o Versailles Recepções, com a reunião de 350 mulheres, amigas de varias gerações. No quesito irreverência, o cerimonial ficou por conta da drag Danuza D'Sales. Na pista, um coreógrafo colocou o mulheroio para dançar, ao som do DJ Sólton Silvestre.



Lucinha, a aniversariante



Painel na festa



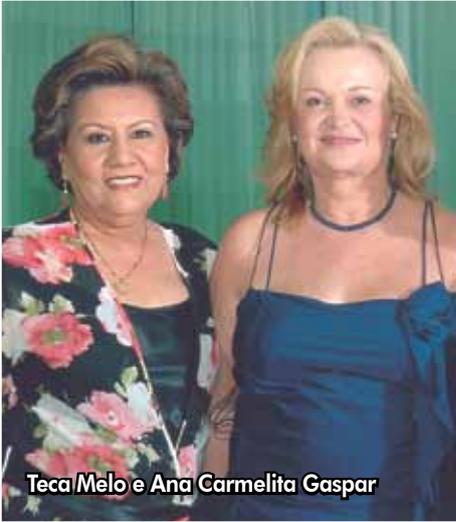
O convite



Márcia Varela, Danuza D'Sales e a aniversariante



Ivone Freire, Cristina Dias, Dodora Alves, Lucinha e Auxiliadora Santos



Teca Melo e Ana Carmelita Gaspar



Pista de dança



As irmãs Pérola, Virgínia e Thuisa Shelman com a anfitriã



Anna Luiza Emerenciano, Polyana Simas, Paulo Emerenciano e Carol Gadelha



Nilma Dias e Lucinha



Eida Machado e Elcinha Lamas festejando a aniversariante



A alegria de Marcos Santos e Dodora com Lucinha



Com Leticia Ferreira de Souza



Thiago Gadelha com a amada



As sobrinhas Cristiana, Anna Luiza, Georgja e Mariana celebram a tia



ANDRÉA LUIZA TAVARES

GO SEE THE WORLD



Em 2010, a treinadora do SeaWorld, Dawn Brancheau, foi atacada e morta pela baleia orca com quem fazia um show. O caso repercutiu mundialmente e levantou dúvidas sobre as condições de criação dessas baleias em cativeiro. Foi a partir deste caso específico que a diretora Gabriela Cowperthwaite elaborou o documentário Blackfish - Fúria Animal. Dentes cerrados, animais dopados e muito sangue estão por trás dos sorrisos que as atrações provocam. O filme vai fundo na investigação sobre a crueldade com que as orcas são tratadas e conseguiu, inclusive, transformar a opinião pública sobre uma indústria milionária.

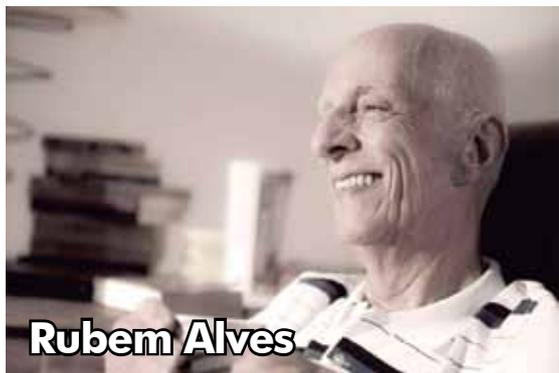
Teatro

Um público restrito teve a oportunidade de assistir a uma peça com incríveis opções de inclusão: uma intérprete em Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) e equipamentos de audiodescrição tornaram a experiência única para portadores de necessidades especiais. Mossoró foi a cidade escolhida para ser palco dos encantos da peça "O Último Godot". A peça se passa no encontro entre Samuel Beckett e Godot, autor e personagem fictício, e aborda questões como a transformação potencial de cada cidadão, através de um olhar mais sensível sobre o outro e da necessidade humana da auto-representação para sobreviver como indivíduo. O texto de Matéi Visniec, é resultado também de pesquisas acadêmicas universitárias, e foi selecionado para o XI Festival de Teatro da Amazônia, tendo a potiguar Tiziane Virgílio indicada ao prêmio de melhor atriz em 2014.



Série

O Netflix, queridinho dos apaixonados por filmes e séries, está fazendo um tremendo sucesso com a série House of Cards, movida por política e poder, imita a realidade. Kevin Spacey é o protagonista Frank Underwood, um político ambicioso que não mede esforços para atingir seus objetivos. Ele é capaz de mentir, manipular e até matar. No entanto, a série faz com que o telespectador seja o seu maior cúmplice — ele fala diretamente para a câmera em alguns momentos. O drama estreou em 2012 e está na 3ª temporada.



Rubem Alves

Há um ano a tristeza chegou de mansinho e levou o escritor Rubem Alves. Para homenagear a trajetória do mineiro, o autor Gonçalo Júnior lança a biografia “É uma Pena não Viver”. Gonçalo narra a história de vida, as amizades e a descoberta de duas doenças devastadoras. Aborda também aspectos quase desconhecidos da trajetória do escritor, como a perseguição que sofreu dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil, que o denunciou nos primeiros dias que se seguiram ao golpe militar de 1964 como um perigoso subversivo e comunista. Vida e obra do mestre que plantou inúmeras sementes, que florescem em frondosos ipês-amarelos.

É Uma Pena Não Viver: Uma Biografia De Rubem Alves

Editora: Planeta Do Brasil - Grupo Planeta

Autor: Gonçalo Júnior



Marcus Baby

O artista plástico potiguar Marcus Baby foi prestigiado pela rainha do pop, Madonna. A arte de Marcus é curiosa: bonecas Barbie inspiradas em famosos. Sua coleção já tem mais de 220 réplicas. Madonna postou, em seu perfil pessoal no Instagram, uma foto da sua boneca com a legenda “Estou apaixonada por ela”. Para desilusão dos fãs da estrela, Baby revelou que nenhuma das bonecas de sua coleção está à venda.



Cinema

Chega de saudade! A rede Cinemark exhibe a 8ª temporada dos filmes clássicos, ou Cults, para os mais modernos. O “Clássicos Cinemark” segue revivendo obras como O Silêncio dos Inocentes, Cidadão Kane e E.T – O extraterrestre. O retorno de clássicos como esses às salas de cinema faz parte de uma nova tendência do entretenimento de filmes que se consolida a cada nova ação no Brasil. A programação conta com sessões às quartas, sábados e domingos, com cópias restauradas e em alta definição de filmes marcantes que muita gente nunca viu na tela do cinema.

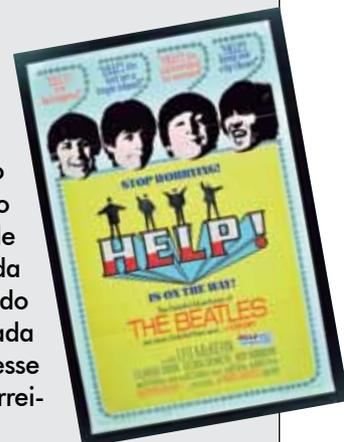
FRIDA



As dores e amores da pintora mexicana Frida Kahlo aterrissam em setembro em São Paulo. “Frida Kahlo e as mulheres surrealistas no México” acontece no Instituto Tomie Ohtake, e reúne obras icônicas da artista, além de apresentar trabalhos de outras artistas do México, como Remédios Varo, Maria Izquierdo, e Lenora Carrington. Conhecida por ser uma das maiores e controversas artistas do século 20, com uma obra centrada majoritariamente no universo feminino, Frida é hoje símbolo feminista, ícone pop, influência artística e musa inspiradora de muita gente. As datas de início e encerramento da exposição ainda não foram divulgadas.

50 anos de “Help”

No dia 6 de agosto de 1965, começou a ser vendido “Help”, álbum dos Beatles que representa uma fase de transição para o grupo de Liverpool. O leve e divertido disco marca o fim da fase “dos terninhos”, que logo daria lugar às experimentações do estúdio de “Rubber Soul”. Para “agravar” o sucesso da bolacha, vale lembrar que é ele o agraciado com a música “Yesterday”, a mais regravada de todos os tempos. Mas, para o quarteto esse seria apenas mais um passo na brilhante carreira, que acabaria cinco anos depois.





Sinal de alerta!

Como sobreviver à disparada do dólar?

O dólar alcançou na segunda-feira (04 de agosto) o patamar de R\$3,44, um índice assustador, o maior nos últimos 12 anos. O índice é assustador e pode ter certeza, terá impacto na vida de todos – investidores, empresários, viajantes e também às pessoas físicas, consumidores brasileiros –; para pouco de maneira positiva e, para muitos, negativa.

Para os poucos brasileiros que possuem investimentos na moeda estrangeira ou atrelada a ela, a notícia é boa, pois aumentará seus rendimentos; para empresas e indústrias nacionais pode ter um lado bom, uma vez que a alta da moeda causa maior competitividade das vendas externas brasileiras, tornando-as mais baratas, e a concorrência com o produtos importados ficam mais equilibrada.

Contudo, não se deve esquecer que muitos dos produtos e insumos de nossas indústrias e empresas são importados, o que também expressivos aumentos de gastos. Para piorar, parte desse aumento será repassado, com certeza aos clientes finais, nesse caso, o consumidor. Assim, é hora de estar em estado de alerta por causa desse tema.

Àqueles que estavam planejando viajar ao exterior, o fato também desanima, pois a todos os gastos comuns de uma viagem dessas – passagem

aérea, passeios, IOF do cartão de crédito, etc. – será acrescido o aumento da cotação do dólar, ultrapassando o valor planejado inicialmente. É preciso cautela! Para quem nem sequer se programou, é melhor deixar a viagem para outro momento.

A população brasileira no geral também é atingida, pois somos consumidores. Somada à inflação que também está aumentando, a alta da moeda americana reflete diretamente no preço de produtos e serviços de nosso cotidiano, encarecendo-os substancialmente e, conseqüentemente, diminuindo nosso poder de compra.

Embora não seja motivo para pânico, há muitos cuidados a serem tomados nesse período. Por isso, o melhor a fazer é reunir a família, rever os custos diários e mensais, reduzir os excessos e supérfluos e fazer algo que parece óbvio, mas muita gente não consegue: garantir que o ganho sempre seja maior que as despesas. Não adianta ficar colocando a culpa no governo, nas instituições financeiras e no sistema capitalista.

É hora de assumir a responsabilidade, encarar a realidade e mudar os hábitos para passar por essa situação de maneira sustentável e consciente. A reeducação financeira é a grande solução para os novos tempos.

“o melhor a fazer é reunir a família, rever os custos diários e mensais, reduzir os excessos e supérfluos e fazer algo que parece óbvio, mas muita gente não consegue: garantir que o ganho sempre seja maior que as despesas”.

IDOSO

Respeite quem
pôde chegar aonde
ele chegou.

O número de idosos cresce no mundo inteiro e respeitá-los é dever de todo cidadão.

Com o passar dos anos, alguns podem perder algumas habilidades, mas não podem jamais, perder a dignidade. Seja cordial e tolerante, afinal, quando a idade chegar, pode ser que você também precise desse respeito.

Seja cidadão!



Câmara Municipal de Natal

A CASA DO POVO. A SUA CASA.

cmnat.rn.gov.br

EU OFERECER BONS SERVIÇOS

Os pequenos negócios fazem parte da história de todos os brasileiros. Geram empregos, fortalecem a economia local, impulsionam o desenvolvimento do país. E para valorizar as micro e pequenas empresas, vem aí o 5 de outubro, o Movimento Compre do Pequeno Negócio. Um dia para incentivar, fortalecer e comprar dos pequenos negócios. Acesse comprepequeno.com.br, faça seu cadastro e saiba mais.

#comprepequeno

5 DE OUTUBRO
MOVIMENTO COMPRE DO PEQUENO NEGÓCIO
ESSE NEGÓCIO TAMBÉM É SEU

Iniciativa:

SEBRAE

